

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

SAMY ARAÚJO DE MORAIS

A EXPOSIÇÃO DOS JOVENS NO CIBERESPAÇO

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

SAMY ARAÚJO DE MORAIS

A EXPOSIÇÃO DOS JOVENS NO CIBERESPAÇO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a conclusão do curso e para obtenção do título de Bacharel em Comunicação.

Orientador (a): Prof. Dr. RobériaNádia Araújo Nascimento

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M828e **Morais, Samy Araújo de**
A exposição do jovens no ciberespaço [manuscrito] / Samy
Araujo de Moraes. - 2014.
78 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento,
Departamento de Comunicação Social".

1. Ciberepaço. 2. Facebook. 3. Grupo focal. 4. Juventude. 5.
Identidade. I. Título.

21. ed. CDD 004.6

SAMY ARAÚJO DE MORAIS

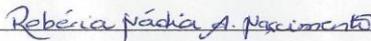
A EXPOSIÇÃO DOS JOVENS NO CIBERESPAÇO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a conclusão do Curso e para obtenção do título de Bacharel em Comunicação.

Orientador (a): Prof. Dr. RobériaNádia Araújo Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em, 22 / 07 / 2014.



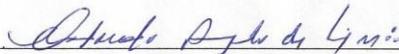
Profª. Drª. Robéria Nádia Araújo Nascimento

(Orientadora – UEPB)



Profª. Drª. Ingrid Farias Fachine Oliveira

(Examinadora – UEPB)



Profª. Me. Orlando Angelo da Silva

(Examinador – UEPB)

DEDICATÓRIA:

Dedico o resultado desse trabalho de conclusão de curso a Deus por ter me dado o dom da vida, é através da força divina que todos os meus sonhos são realizados, por isso minha dedicação principal não poderia deixar de ser para o ser responsável por tudo isso, sem ele eu não poderia ter escrito o meu TCC.

Dedico a Deus, minha paixão e dedicação ao Jornalismo, profissão que pretendo exercer para mudar a sociedade, tornando-a mais justa de acordo com os ensinamentos divinos que nos foram deixados. A minha saúde, as oportunidades que tive e vou ter aos amigos, a família, a vida e a conclusão do meu curso. Tudo isso, agradeço a Deus pela sua maravilhosa bondade ao me conduzir pelos caminhos do bem.

Aqui, deixo também uma dedicatória ao meu Pai, José de Moraes Silvano, uma pessoa maravilhosa e caridosa que teve uma infância difícil e pobre trabalhando para sustentar a família, mas que não deixou de lado a vontade de estudar e aprender sempre mais.

Infelizmente, pelas circunstâncias da vida não foi possível para ele concluir um curso superior, mas com muita garra terminou o segundo grau, uma conquista muito difícil para época em que viveu marcada pela seca, fome e poucos recursos financeiros.

Apesar disso, o meu pai me surpreendeu e me surpreende sempre com sua história de vida. Vindo de uma família de 8 filhos ajudou a criar todos, trabalhou na roça com meu avó, foi ajudante de pedreiro, cobrador de ônibus e músico, mas com todos estes percalços fez história de sucesso conseguindo ganhar a admiração e respeito de todos os moradores da sua cidade natal, Gurjão.

Em pouco tempo, se tornou empresário bem sucedido na cidade e ingressou na carreira política como sendo o vereador mais votado na história do município e o que teve mais números de mandatos, sendo 4 vezes consecutivas vereador e presidente da Câmara Municipal de Gurjão e em todas as vezes fez o que pode para o desenvolvimento do município de forma honesta e contando com apoio popular.

O fato que mais me orgulha neste pequeno resumo que fiz de sua história, é dele ter constituído uma família sólida e que seguiu e segue os seus ensinamentos. Por isso,

além de dedicar o resultado desse trabalho a Deus dedico também ao meu pai pela sua história de fé, determinação e vontade de vencer na vida.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado muita fé e força de vontade para vencer todos os obstáculos encontrados durante o decorrer do curso.

Tenho plena certeza e fortes convicções que a força divina esteve presente em minha vida desde o meu ingresso na Universidade Estadual da Paraíba e foi através dessa força que pude conquistar o apoio de amigos, professores e funcionários. Reconheço que não fazemos nada sozinhos e em nossas vidas se torna imprescindível a presença de pessoas que querem nosso bem e são colocadas como anjos nos iluminar.

Gostaria de agradecer também a minha família que sempre esteve do meu lado me apoiando e dando forças a meu Pai, José de Moraes Silvano, que sempre me deu fortes inspirações para que eu pudesse concluir meu curso, foi através dele que aprendi a ser um ser humano mais justo, honesto e conquistar o carinho, respeito e admiração de todas as pessoas que conheci desde o início da minha vida acadêmica. Agradeço também a minha Mãe, Maria Dasneves Araújo de Moraes, que foi outra personalidade forte e é uma mulher de garra, fibra e determinação que sempre me incentivou nos momentos de angústias e tristezas com sua alegria contagiante e exemplos de perseverança.

A família é o principal e mais valioso patrimônio que possuímos, pois não posso deixar de esquecer e agradecer a minhas duas Irmãs, Simony Araújo de Moraes e Silvana Araújo de Moraes, ambas foram também responsáveis também pelo meu sucesso, durante todo esse tempo em que pude contar com o apoio moral e intelectual delas.

Não posso deixar de mencionar e agradecer penhoradamente a ajuda e presença da minha noiva, Josinete da Silva Oliveira, um ser humano extraordinário e que sem sombra de dúvidas contribuiu de todas as formas no meu processo de formação.

Agradeço também ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba em nome da professora e orientadora do meu projeto de conclusão de curso, Robéria Nádia Araújo Nascimento. Presto também meus singelos agradecimentos aos professores (as) que

lecionaram na minha turma e me transmitiram a maior riqueza que posso ter que é o conhecimento.

Agradeço aos componentes da banca, Orlando Ângelo da Silva e IngidFarias Fachine, que me ajudaram no processo da minha formação acadêmica. Por fim, presto os meus agradecimentos aos meus colegas de curso sem o qual seria impossível concluir minha formação que é resultado de um trabalho coletivo.

A todos os mencionados acima sou muito grato. Tenham plena certeza que sem vocês eu não conseguiria ter chegado ao final de um trabalho como este. Desejo a todos muitas felicidades, saúde paz e sucesso.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO:

A internet é um sistema de dados “informações” que contém inúmeras pastas de acesso a todos os públicos e que promove a interação de quem utiliza essa rede. O mundo globalizado, através desse espaço virtual, traz como promessa encurtar as distâncias e promover interações através das denominadas redes sociais. Contudo, a era da planetarização da informação, que é resultado das tecnologias da inteligência (LÉVY, 2007), é também permeada por dilemas, crises e ameaças à privacidade. Buscando discutir esse cenário, o presente trabalho tem por objetivo abordar uma questão polêmica que envolve a sociedade brasileira contemporânea. Trata-se da exposição da vida íntima dos jovens na rede social facebook, o que pode configurar uma série de impactos como a perda da privacidade, violência física ou emocional, relações fragmentadas, falta de socialização, dentre outros, no ciberespaço. Assim, o estudo parte do conceito desta rede, identificando e traçando o perfil sócio-econômico dos usuários bem como a sua faixa etária. Para a aproximação com o contexto juvenil, adotou-se a técnica do Grupo Focal (COSTA, 2011), estratégia que prevê a discussão coletiva da temática pesquisada a partir das opiniões e comentários dos participantes. Os dados preliminares apontam que a exposição íntima dos jovens na rede social facebook pode ser decorrente da falta de políticas públicas que eduquem o público juvenil para as armadilhas e os perigos que se escondem nessa rede.

Palavras-chave: Ciberespaço, Facebook, Grupo Focal, Jovens, Identidade.

ABSTRAC:

The internet is a data system "information" that contains numerous folders for access to all public and promotes the interaction of those who use this network. The globalized world, through this virtual space, brings a promise shorten distances and promote interactions via so-called social networks. However, the era of planetarization information, which is the result of intelligence (Lévy, 2007) technologies, is also permeated by dilemmas, crises and threats to privacy. Attempt to discuss this scenario, this paper aims to address a controversial issue involving contemporary Brazilian society. It is the exposure of the intimate lives of young people in the social network Facebook, which can configure a number of impacts such as loss of privacy, physical or emotional violence, fragmented relationships, lack of socialization, among others, in cyberspace. Thus, the study of the concept of the network, identifying and tracing the socio-economic profile of users as well as their age. To get closer to the juvenile context, we adopted the technique of Focus Group (COSTA, 2011), a strategy that provides for collective discussion of thematic searched from the reviews and comments of the participants. Preliminary data indicate that the intimate exposure of young people in the social network facebook may be due to the lack of public policies that educate the public to juvenile traps and dangers that lurk in this network.

Keywords: Cyberspace, Facebook, Focus Group, Youth, Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	15
1. AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O CYBERBULLYNG.....	17
1.1 Os riscos que o facebook oferece.....	22
1.2 A ética nas redes sociais.....	24
1.3 Comunicação sem fronteiras.....	27
1.4 A privacidade nas redes.....	32
1.5 O ciberespaço e suas apropriações.....	34
2. TRAGÉDIAS ANUNCIADAS: A EXPOSIÇÃO DAS FRAGILIDADES HUMANAS.....	37
2.1 A interatividade na rede social facebook.....	42
2.2 As comunidades virtuais: perspectiva de encontros e compartilhamentos.....	44
2.3 Acibercultura: território das novas sociabilidades.....	47
3. A INFLUÊNCIA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA NOS JOVENS.....	49
3.1 Fenômenos da mídia (transmissora) e juventude (receptora).....	52
4. MÍDIA E IDENTIDADE: QUEM OS JOVENS PENSAM QUE SÃO?.....	54
5. ANÁLISE DE GRUPO FOCAL.....	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
7. REFERÊNCIAS.....	66
8. APÊNDICES.....	70
9. ANEXOS.....	75

INTRODUÇÃO:

A internet, diferentemente de outras épocas, já não é mais algo tão inacessível. Seu uso vem se tornando cada vez mais popular. Ter acesso a ela também é estar incluído dentro do contexto que oferece. Esta “inclusão” significa passar a ter acesso a múltiplas informações, obter conhecimentos e conectar-se com o mundo. Nesse mesmo âmbito de possibilidades encontram-se as “redes sociais”, que são meios onde indivíduos estabelecem relações e abordam assuntos. Em uma perspectiva prática, elas são aquilo que mais aproxima as pessoas de uma vida virtual.

O presente trabalho pretende avaliar a maneira de como público juvenil enxergam e usam a rede de relacionamento facebook. Em uma visão pedagógica, entende-se que um adolescente pode usar a internet para fazer pesquisas escolares. Tal caso faz total sentido, mas não esconde o fato de que os mesmos também fazem da internet um entretenimento tornando-se vulneráveis no ciberespaço. Nesse sentido, é cada vez mais recorrente a busca de filiar-se as redes sociais.

Em espaços como estes é possível ter o conhecimento de pessoas que moram em lugares distantes criar um ciclo de amizades ou buscar grupos que viabilizem uma identificação com determinados assuntos. Em um de seus trabalhos Recuero(2009) considera que informações que circulam nas redes sociais geram o capital social. Ou seja, este fato ocorre quando a informação ganha repercussão dentro de uma rede social.

Transportando essa abordagem para o que aqui esta sendo discutido, o capital social não mais será adquirido pelo valor conferido pelas redes sociais, e sim pelo número de amigos que um jovem pode ter nela. O grau de popularidade, nestes espaços, vai conferir respeito e notoriedade. Se não for assim, já começa ser avaliada a possibilidade de estar havendo certa insociabilidade. A busca por essa afirmação de “popularidade” é o fator que em alguns casos pode gerar problemas.

No ímpeto de fazer crescer a sua lista de amigos esses adolescentes “podem adicionar” em seu facebook pessoas totalmente desconhecidas. É o caso dos grupos que incentivam a adição em massa, numa iniciativa de aumentar o número de amigos de um

determinado usuário. Seduzido por este ímpeto, eles fazem o que o grupo tem como proposta.

Outro tocante para ser avaliado dentro das perspectivas que cercam este trabalho é a exposição exagerada por meio de fotografias. Dentre os tantos recursos que as redes sociais incentivam está a exposição de vida íntima. Passa-se a impressão de que é fundamental mostrar a aparência. De tantas imagens que podem ser encontradas veem-se aquelas que mostram poses sensuais. São em casos assim que se encontra o perigo. A mesma foto destinada para ser sucesso de comentários e curtidas, mas também pode ser enviada para sites pornográficos causando danos à integridade moral e psicológica de um indivíduo.

Quando se fala em violência, por meio da internet, é pelo fato de que, mesmo sendo um meio que pode contribuir para a formação intelectual, também pode propiciar sérios riscos para quem utilizá-la. Nesse caso, um jovem pode se tornar uma vítima. Uma das razões para isso, é que o uso da grande rede, para ela, pode ser um objeto de encanto e de fascínio. A primeira situação ocorre por conta da possibilidade pelo simples fato de ter acesso a internet. A segunda acontece pela disponibilidade dos elementos do ciberespaço. Poder manter contato com uma pessoa que mora em outra parte do mundo é um atrativo, que se torna ainda maior para quem jamais saiu de sua cidade ou pouco sai de sua casa.

A falta de contato com o mundo real pode, certamente, criar um vínculo ainda maior com a internet. O adolescente que não possui muitos amigos terá o mundo virtual como sendo um grande “companheiro”. Na realidade, seria uma forma de suprir suas carências e de criar todas as situações que poderiam ser vividas fora dos domínios de um computador.

Na intenção da falta de amizades que possam auxiliar na manutenção dos laços afetivos, o caminho pode ser a busca pelas amizades virtuais. No início este possivelmente será visto como satisfatório. Porém, analisando outra vertente, percebe-se que a grande aproximação com o espaço cibernético seria o causador de uma falta de sociabilidade. Esse fator seria determinado pela falta de um contato face a face ou pela aversão a um momento em que seja necessária uma integração social.

Neste sentido, procuramos também dialogar com alguns jovens que usam a rede social facebook como forma de exposição de sua vida íntima tentando compreender esse tipo de comportamento bem como discutir alguns casos existentes e publicados na mídia sobre a superexposição de jovens na internet que tenham causado danos a sua integridade moral e psicológica, destacar o acesso desses internautas sem que haja um conhecimento dos seus familiares sobre os conteúdos exibidos no mundo virtual e apontar possibilidades que possam contribuir para ampliar a compreensão dos jovens acerca dos riscos que correm com a superexposição de sua vida pessoal nas redes.

A discussão da temática foi organizada em cinco capítulos. No primeiro, abordamos o conceito de ciberespaço para fundamentarmos a ética nas redes sociais e o cyberbullying. No segundo, apresentamos as configurações do facebook e as perspectivas de sociabilidade que oferece. O terceiro capítulo enfoca a juventude, destacando os aspectos culturais que perpassam esse público. O quarto capítulo discute o conceito de identidade, expondo seus desdobramentos na sociedade atual. No quinto, apresentamos o desenvolvimento do Grupo Focal e as impressões obtidas acerca do tema estudado.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que focaliza o uso da rede social facebook por parte do público juvenil, tendo como interesse a exposição íntima desses jovens nessa rede de relacionamento virtual.

De acordo com Rúdio (1999) as pesquisas qualitativas efetivam um esforço interpretativo dos fenômenos “a partir da coleta de informações do que já existe no espaço social, a fim de descrevê-lo e interpretá-lo, contribuindo para o desvelamento de suas particularidades”(RÚDIO, 1999, p. 16).

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a cerca do tema “Os jovens e o ciberespaço”, possibilitando a compreensão de teorias de vários autores que comprovam o objeto de estudo.

Após a realização das leituras, fizemos um levantamento dos casos existentes e divulgados na mídia de vítimas de tal exposição e quais consequências psicológicas, este fato representou em suas vidas, fizemos também pesquisas através de sites na internet sobre o assunto e de jovens que tiveram suas vidas expostas no facebook chegando a cometerem atitudes extremas como o suicídio.

Em seguida, fizemos a realização de entrevistas com usuários dessa rede expondo informações de como se comportam diante dessa exposição. Para isso, foi aplicado o método de Grupo Focal, realizado no dia 10 de julho com alunos concluintes do ensino médio do Colégio Alfredo Dantas (CAD), localizado no centro da cidade de Campina Grande-PB.

Realizamos os procedimentos em uma sala cedida pela direção do colégio Santa Mônica, situado no bairro do Monte Santo. Antes de iniciarmos o procedimento do Grupo Focal fizemos a elaboração do roteiro de entrevista para conduzi-la de acordo com o assunto abordado, conforme atestam os apêndices deste trabalho.

A análise do Grupo Focal foi feita da seguinte maneira: Condução da pesquisa pelo “moderador”, ou seja, o entrevistador da pesquisa e responsável por registrar tudo o que foi dito pelos participantes que foram identificados mediante a autorização de cada um deles.

O grupo foi composto por seis jovens que falaram sobre o dia a dia deles relacionado ao acesso a rede social facebook. Assuntos como exposição íntima, relacionamento nesta rede social, comunidades virtuais, casos de violência na internet

(cyberbullyng) e outros foram discutidos o que nos permitiu verificar o ponto de vista da juventude a respeito do tema problematizado neste estudo.

A metodologia do Grupo Focal proposto por COSTA (2011) funciona como instrumento de coleta de informações, adotando-se um recorte de participantes que são convidados a interagir com o pesquisador a fim de esclarecer a abordagem desejada.

1. AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O CYBERBULLYNG:

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vêm mudando significativamente as relações sociais estabelecidas no espaço virtual. Através dessas novas ferramentas o acesso à rede se tornou algo corriqueiro promovendo uma maior interação entre os usuários, sobretudo entre jovens, parcela significativa que se apropria da convergência tecnológica e seus dispositivos.

Manuel Castells (1999) em seu livro “A sociedade em Rede” afirma que: “As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”. (CASTELLS, 1999, p. 59).

A forma como os internautas entendem e utilizam essas redes é um fator extremamente preocupante, pode ser algo benéfico enquanto um espaço de aprendizado, mas também causar graves problemas sociais como a superexposição da intimidade dos jovens gerando ameaças a suas vidas privadas, que podem provocar episódios de violência física ou emocional.

A juventude atual vem passando por diferentes transformações na busca pela inovação e adaptação a momentos e situações que vivenciam aqueles que não seguem os ditames da maioria, podem ser vistos como “careta” e não ter aceitabilidade em determinados grupos fechados.

Nas redes acontece o mesmo. Para serem “notados e respeitados” os jovens precisam ter os mesmos comportamentos, com isso, criam-se grupinhos cada vez mais isolados e com interesses em comum, gerando um perigo significativo. A internet é um espaço aberto e sem fronteiras em que se acessa o que se quer sem uma devida regulamentação.

Em casa, a maioria dos pais não tem conhecimento sobre o uso que seus filhos fazem na rede e o que estão pesquisando, além disso, os jovens usuários ainda têm a oportunidade de frequentar as chamadas lanhouses (Estabelecimentos comerciais em que as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online). E lá acessarem os conteúdos que bem entenderem.

O diálogo desses usuários é mediado em tempo real pela rede, de sentidos

multilaterais com interesses em comum, derrubando as barreiras temporais com uma comunicação flexível e instantânea sem respostas adiadas. Segundo Castells (1999):

A comunicação mediada por computadores possibilita o diálogo em tempo real, reunindo pessoas com os mesmos interesses em conversa interativa multilaterais, por escrito. Respostas adiadas pelo tempo podem ser superadas com facilidade, pois as novas tecnologias de comunicação oferecem um sentido de instantaneidade que derruba as barreiras temporais, como ocorreu com o telefone, mas, agora com maior flexibilidade, permitindo, as partes envolvidas na comunicação deixem passar alguns segundos ou minutos, para trazer outra informação e expandir a esfera da comunicação. (CASTELLS 1999, p. 553).

O autor defende que as redes sociais representam algo instantâneo rompendo barreiras geográficas e possibilitando a troca de informações entre diferentes culturas, adotando padrões de comportamento a fim de alcançar uma grande expansão de informação e comunicação atingindo um maior número de seguidores, segundo essa lógica, quanto mais “amigos” se torna maior a popularidade desse usuário na rede.

As tecnologias que se encontram acessíveis a maior parte do público alvo, juvenil, incentivam seu uso de forma autônoma e sem nenhuma regulamentação. Nesse sentido, situações de riscos e perigos quanto a sua utilização podem ser consequência de uma utilização incoerente, gerando diferentes formas de pensar e atuar, pois é importante ter um controle do acesso desses jovens na rede. Segundo Sanmartin (1998):

Há legado el momento de actuar. Los padres necessitam tener más control. El público debepressionat a los patrocinadores, produtores y legisladores para que se ocupem de la violència. Y todos debemosactuar. El futuro de nuestrosniños y de lasociedad em su conjunto es demasiado precioso como para quedarnos parados. (SANMATIN, et al., 1998, p. 125).

Segundo o autor, é preciso ter um maior controle dos conteúdos acessados tanto por parte dos pais com relação aos filhos como das autoridades. Ele defende ainda que os produtores culturais e patrocinadores precisam ser mais pressionados pela sociedade para que se deem conta da possibilidade de violência que geram nesse meio.

Os pontos apresentados pelo autor sinalizam grande parte dos problemas existentes nas relações virtuais. A prova maior disso é que esses usuários utilizam os computadores em locais fechados, ou seja, os aparelhos que deveriam estar na sala de uma casa facilitando o controle dos conteúdos por parte dos adultos, na maioria das vezes estão localizados no quarto desses jovens, que podem acessar o conteúdo que quiserem no momento que desejarem tornando-se vulneráveis as armadilhas da rede.

Atualmente a rede social facebook tem sido a mais acessada em todo o mundo como sendo a que mais tem aceitabilidade entre os jovens. Nenhum tipo de restrição pública proíbe o acesso de menores nessa rede e os conteúdos são livres, além disso, a disseminação de pornografia é totalmente influenciada pela indústria cultural.

A ausência do diálogo representa uma barreira a mais para que determinadas atitudes sejam incorporadas pelos jovens, vivemos num mundo cada vez mais competitivo e na maioria das vezes a vida profissional dos cônjuges não permite que eles tenham tempo suficiente para dialogar sobre a utilização adequada das redes por parte de seus filhos.

O resultado disso se configura em um isolamento social em que esses jovens substituem as relações sociais interpessoais por contatos superficiais, o que gera mais exposição virtual acarretando comportamentos inusitados e violentos, bem como, produzindo distanciamento entre as relações do cotidiano.

Nesse sentido, surge algo preocupante que pode comprometer a saúde física e psicológica desses indivíduos, aumentando o seu isolamento, o denominado “cyberbullyng”. Caracterizado pelo aumento de situações de ameaças, insinuações e insultos infringidos por crianças e jovens entre si através da divulgação de vídeos ou fotos de situações constrangedoras que atingem a vítima.

Para Amado (2009) “Os efeitos das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) sobre o comportamento das crianças e dos jovens tem sido um importante campo de estudo nos últimos anos”. A afirmativa do autor reflete os dilemas que são enfrentados pelos jovens, que passam por uma série de transformações comportamentais proporcionadas pelo mundo cada vez mais globalizado e interconectado pelo espaço virtual.

Diante da afirmação do autor dois dilemas da comunicação se revelam. Se por um lado, esses meios facilitam o fluxo de comunicação, por outro, geram um grave problema social por isolar esses usuários das relações entre pares fazendo com que eles criem um mundo imaginário permeado pelo virtual.

Ainda de acordo com Amado (2009) “Presta-se especial atenção às afinidades possíveis entre o facto dos jovens estarem expostos a determinados tipos de comunicação e os comportamentos antissociais que manifestam”. Os

comportamentos desses jovens passam a ser influenciado de forma inadequada pelo espaço virtual, que é usado com frequência a fim de que, gerem um alto nível de exposição íntima e atitudes que podem ser consideradas antissociais como a prática do cyberbullyng.

Para abordar o cyberbullyng é necessário esclarecer o conceito de bullyng. Essa palavra é de origem inglesa e engloba uma vasta gama de comportamentos agressivos e mal intencionados. Segundo CleoFante (2005) “É um desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sobre tensão”. (FANTE, 2005, p. 28)

O psicólogo norueguês e principal investigador desta temática, Dan Olweus (1993), define que uma pessoa é intimidada quando está exposta, repetidamente ao longo do tempo às ações negativas por parte de uma ou mais pessoas, tendo dificuldade em se defender de si mesmo.

Podemos deduzir interpretando as palavras do autor, que a prática do bullyng está presente na humanidade desde muito tempo, visto que situações como essas sempre existiram seja no ambiente escolar, na vida profissional, no convívio social e até mesmo na família. O fato é que o assunto não é tratado da forma que merece e esse tipo de atitude se torna normal nos mais diversos ambientes, abrindo espaço para agressões físicas e/ou psicológicas que colocam em risco, no mínimo, a autoestima das vítimas.

O bullyng pode ser caracterizado pelo uso de uma determinada expressão que agrida a vítima repetidas vezes, seja ela verbal ou escrita, poder ser também uma agressão física, um gesto ofensivo, discriminação das origens regionais de uma pessoa, diferença de cor de pele ou uma junção desses elementos que pode causar danos físicos, materiais ou psicológicos. A vítima se sente vulnerável numa situação de insegurança e até mesmo de terror.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação essa prática migrou para o espaço virtual e passou a se denominar como cyberbullyng. Diferente da presencial essa ocorre por meio da disponibilização de imagens alheias, vídeos, sons, ou informações íntimas de qualquer assunto que possa afetar a vítima. O problema se torna ainda mais grave, uma vez que no ciberespaço o alcance da informação adquire proporções planetárias.

Na rede social facebook existem diversas páginas em que as pessoas podem compartilhar fotos e mensagens que caracterizam esse tipo de comportamento nocivo. Algumas mensagens seguidas de imagens ridicularizam a classe social das pessoas, com comentários agressivos como: “Os 10 mandamentos de um pobre”; “E se os famosos fossem pobres?”; “Não basta ser pobre, tem que dizer: Aproveita por mim lá”; ou até mesmo páginas com o tema “Eu tenho horror a pobre”.

Essas frases e imagens são compartilhadas por pessoas do mundo inteiro e são motivos de piadas e comentários maldosos, que rotula a classe social de pessoas de baixa renda como culpada pelas condições econômicas em que vivem e até mesmo insinuando que não deveria existir. Além disso, essas páginas disponibilizam imagens reais diferenciando as classes sociais, rica e pobre, estereotipando negativamente o pobre que aparece em situações constrangedoras.

Outra forma de cyberbullying que podemos destacar no facebook é com relação às mulheres que não são compatíveis com os padrões corporais impostos pela sociedade, ou até mesmo charges e imagens denegrindo a mulher loira, como se essa condição fosse sinônimo de falta de inteligência.

A competitividade acirrada nesse meio se torna comum e muitas vezes generalizadas, no qual a disputa pelo corpo mais jovem ou mais belo se torna constante. Tais estigmas representam problemáticas sociais que refletem preconceitos históricos relativos a determinados períodos vividos pela sociedade: hoje, a obesidade não é vista apenas como questão de saúde, mas, sobretudo questão estética.

Por ser um espaço virtual ilimitado, a rede social amplia o poder de agressão gerando graves dilemas e conflitos. Uma situação das mais constrangedoras pode acontecer quando um usuário tem sua senha hackeada, o que não é muito difícil de ser feito pela grande quantidade de tutorias disponíveis na internet ensinando como realizar esta prática.

Uma pessoa que tem sua senha roubada pode sofrer consequências severas para o resto da vida, tendo em vista que o Cracker (especialista na área de informática em quebrar códigos de segurança) pode se passar por um determinado usuário e postar imagens e mensagens constrangedoras sobre a vítima. Além disso, a maioria dos dados

personais vai estar nas mãos de um desconhecido que pode utilizá-los da forma que quiser e quando quiser.

Com o advento das novas tecnologias da informação essas redes de relacionamento surgiram, proporcionando que as pessoas se relacionem virtualmente em tempo real, estabelecendo diálogos com o mundo inteiro. Entretanto, seus conteúdos também podem ser vistos por quem quiser e possa representar uma série de riscos como ameaças à privacidade dos usuários, o que se transforma em uma discussão pertinente à sociedade contemporânea.

1.1 Os riscos que o facebook oferece:

A rede social facebook é uma forma de difundir informações com pessoas de continentes diferentes, ao mesmo tempo, fazendo com que todos possam se comunicar usando o computador como ferramenta. Esse espaço de relações virtuais pode causar dependências seduzindo e cativando os usuários.

Nesse sentido, esses usuários deixam de dar prioridade às relações pessoais, prevalecendo dessa forma uma migração para o mundo de encantos virtuais instantâneos, muitas vezes deixando de lado seus sentimentos, ao ponto de esquecerem que são seres humanos e não máquinas.

Dessa forma, surgem os riscos dessa dependência on-line (tecnodependência) ambiente aberto no que as pessoas divertem-se, se relacionam, namoram, enfim, agregam o facebook para quase tudo na vida e se tornam cada vez mais individualistas, competitivas e antissociais, a medida que os fatos alheios se tornam uma vitrine que as separam das relações pessoais.

Além de tudo, essa rede consome muito tempo que poderia ser aproveitado para convívio pessoal com os amigos, os familiares, as práticas de atividades físicas, entre outros. Esses são uns dos grandes efeitos dos tempos modernos em que vivemos proporcionados pelas TICs, e que pode provocar um vazio de sentimentos e emoções nas pessoas, uma vez que tais relações artificiais não dão conta das necessidades de atenção e afeto que motivam a vida humana.

Outra grande desvantagem que pode se configurar como a mais perigosa, é o fato desses usuários estarem a todo o momento sendo observados por uma imensidão de

pessoas que tem acesso a seus dados pessoais, colocando em perigo sua privacidade. Diante disso, existe uma colaboração permitindo o acesso às informações de páginas privadas podendo ser visualizada por qualquer outro usuário.

Essa prática tem se confirmado ao longo dos tempos, mas os jovens são os mais afetados. Imagens e informações como as que se referem a sexo, pornografia, violência, drogas e armas são alguns dos temas mais comuns que se podem encontrar facilmente nas páginas da rede social facebook que se tornou um espaço de lazer para grande parte deste público alvo. O papel dos órgãos de proteção como, por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é um instrumento de cidadania e deveria garantir os direitos e deveres das crianças e adolescentes, por sua vez, não cumpre seus deveres quando relacionado à proteção nas redes.

Para Hannah Arendet (2000), “Em nossa sociedade alimentamos todos os dias a necessidade de sermos vistos no espaço público (da mídia), já que isso nos garantiria uma espécie de realidade” (ARENDET, 2000, apud, FISCHER, 2005, p. 47). Segundo a autora, a necessidade de ser notado nos espaços públicos da mídia cria uma espécie de ilusão cujo sujeito faz sobre si.

Assim, os jovens podem criar uma realidade a seu respeito não condizente. Como exemplo pode citar jovens que aparecem em imagens no facebook mostrando um determinado padrão de vida que não corresponde com sua realidade. A relação de dinheiro e consumo se mostra cada vez mais em evidência nessa rede. Os jovens, por exemplo, que exibem imagens com produtos de marcas famosas certamente vão passar a ser mais “bem vistos” e aceitos em grupos restritos criados na rede, como também ser mais “respeitados” e seguidos por um grande número de usuários.

Outro dilema que podemos citar é a questão do vício que essas redes podem causar nesse público. Quando se fala em dependência pensamos logo em drogas, cigarro, álcool, entre outros. Porém, o vício está ligado a questões mais amplas que correspondem a diversos aspectos.

Quando uma pessoa usa demasiadamente as redes sociais a ponto de colocar em risco sua saúde e não se relacionar mais socialmente podemos dizer que há um determinado tipo de vício. É notório casos de compulsão pelo uso dessas redes, caracterizado pelo fato de estarem 24 horas on-line, seja através de dispositivos móveis

ou computadores, até mesmo nos momentos de lazer ou com familiares a tendência é está conectado à rede e preso aos atrativos novos que ela proporciona gerando altos níveis de dependência.

De acordo com um estudo publicado no site, *Frontiers In Human Neuroscience*, há ligação entre o desejo de usar o facebook e o de construir uma reputação, porque as duas atividades estimulam a mesma região do cérebro, os chamados núcleos de accumbens. Essa área do cérebro também é a responsável pelo mecanismo de recompensas e está relacionada a atividades como comer, fazer sexo, apostar, consumir álcool e drogas. A pesquisa revelou que o facebook causa uma reação semelhante à de ver a sua reputação crescer. Entre os jovens tal prática se torna mais constante pelo desejo de “aumentar sua popularidade”.

Muitas vítimas não têm uma correta orientação do que suas postagens pessoais podem causar e quando se deparam com a realidade, aspectos de suas vidas já estão em evidência, disponíveis em todas as partes do mundo, gerando uma série de sentimentos como: culpa, arrependimento, vergonha, isolamento social, dentre outros, que comprometem a saúde mental desses indivíduos devido prática do cyberbullyng.

Com o fluxo informacional que esses usuários disponibilizam na rede surge uma série de questões, uma delas é a apropriação de imagens e conteúdos indevidos que podem ganhar uma proporção negativa configurando-se em comportamento antiéticos mal intencionados.

1.2 A ética nas redes sociais:

As questões éticas e morais nas redes de relacionamento não são discutidas e evidenciadas nesse meio. Com as tecnologias da comunicação cada vez mais disponíveis, a informação chega a todos sem filtros, mas essa condição é que gera a falta de limites no que pode ou não ser compartilhado no espaço virtual.

O poder das redes sociais em propagar informações é muito alto, e pode gerar situações irreversíveis. No momento que um artista, por exemplo, delega a função a outra pessoa de administrar suas redes de relacionamento através de um trabalho de assessoria de comunicação ela deposita além de sua imagem pessoal suas ideias e convicções a outro que pode agir de forma a prejudicá-lo contradizendo seus princípios e valores através de postagens indevidas.

A rede social facebook tornou-se ao longo do tempo um espaço em que algumas pessoas externam até seus sentimentos e emoções mais íntimas e muitas das vezes esses sentimentos são compartilhados por diversos internautas desconhecidos. Podemos afirmar que há uma banalização do emocional, em que alguns usuários expõem fatos que muitas vezes não são revelados nem as pessoas mais queridas de seu convívio. A liberdade de expressão não pode ser confundida com falta de ética, visto que muitas informações de caráter emocional podem ser utilizadas para denegrir a imagem do outro através de comentários nocivos.

Outra prática antiética são as mensagens indiretas deixadas nessa rede, ou seja, as pessoas cada vez mais deixam de expor suas ideias sobre determinado amigo em sua relação interpessoal, e passam a “trocar farpas” no espaço virtual postando mensagens como: “Eu detesto pessoas que não me entendem”. Muitas vezes, comentários como esse pode ser destinado a uma única pessoa com que o usuário se desentendeu em seu dia a dia e não tem coragem de revelar isso pessoalmente. Assim, um fato que foi gerado na relação entre pares migra para outro espaço, muitas vezes seguido até de ameaças feitas indiretamente.

No espaço virtual não é difícil encontrar comportamentos não éticos. A intolerância religiosa, por exemplo, é algo bastante evidente em que alguns usuários lutam por suas crenças neste espaço ao ponto de ridicularizar outras religiões, predominando a sua sobre as demais favorecendo a prática do etnocentrismo.

O desrespeito com as formas de manifestações culturais também é uma prática antiética, caracterizada pelo fato dos usuários considerarem ou não para si como cultura, por exemplo, as campanhas contra reality-show como o Big Brother Brasil (BBB). Tudo bem que uma pessoa não goste desse gênero televisivo. O problema é que na maioria das vezes comentários contra esse tipo de programação agride milhões de pessoas que gostam e acompanham o programa. É comum vermos comentários que levam a seguinte compreensão, “Esta pessoa aqui não é burra para ficar assistindo BBB”, como se todas as demais pessoas fossem desprovidas de inteligência só porque eles colheram o programa como fonte de sua diversão.

Com a evolução da tecnologia, novos problemas éticos surgiram, dentre os quais se destacam: a falta de privacidade e a adulteração dos valores morais e sociais que podem comprometer o senso crítico das gerações atuais e futuras. “O que continua em

causa é a responsabilidade para com as gerações vindouras e a salvaguarda dos grandes valores que conformam a sociedade e asseguram a continuidade do humano do homem” (ESCOLA, 2008, p. 51).

Para assegurar essa continuidade do fator humano é necessário ter em mente os perigos produzidos pela falta de comportamentos adequados entre os grupos sociais. A falta pode ser vista pela apropriação indevida que determinadas pessoas fazem dos conteúdos alheios. Esse tipo de apropriação pode vir seguido de ameaças, chantagem emocional, humilhação e intimidações que são usados contra a privacidade das pessoas.

Um exemplo que podemos destacar foi o da atriz global, Carolina Dieckmann, que teve 36 fotos expostas, em que ela aparece seminua, roubadas de seu computador particular e distribuídas em diversos sites na internet. Segundo investigações da polícia, os hackers invadiram o computador da atriz e furtaram suas fotos. Os criminosos enviaram um Spam (mensagem não solicitada) para Carolina que, sem querer, clicou e abriu o arquivo em seu computador, facilitando o acesso dos criminosos.

A atriz foi chantageada a pagar um determinado valor para que as imagens não fossem postadas em um site pornográfico, caracterizando um grave crime de invasão de privacidade. Após o caso foi criada a lei de n.º 12.737/12 que entrou em vigor em abril de 2012 alterando alguns artigos do código penal e criando mais dois. A lei, em seu artigo 154, determina o seguinte: “configura-se como crime invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita”.

A norma ficou conhecida como “Lei Carolina Dieckmann” porque foi promulgada na mesma data em que a atriz tornou público esse problema. Sendo assim, ficou estabelecido no primeiro artigo, que é crime invadir dispositivos móveis de qualquer pessoa. O objetivo é proteger a privacidade e intimidade de cada indivíduo.

Chama atenção o desconhecimento das pessoas que tal prática se configura como crime, assim um usuário da rede facebook pode se apropriar de qualquer imagem indevida e fazer o que bem entende achando que não haverá nenhum tipo de punição.

Apesar das consequências impostas a quem praticam esse tipo de ação os traumas psicológicos das vítimas dificilmente vão ser apagados de suas mentes, uma vez que, as consequências psicológicas e sociais são imensa devida à exposição da intimidade, o que só pertence aos seus “donos”.

Carolina, felizmente teve a chance de ter suas fotos recuperadas. Mesmo assim, algumas ainda permanecem na internet com montagens simulando a atriz completamente nua. Em entrevista ao portal G1, após a resolução do caso, ela fez a seguinte afirmação: "Acho que agora vou poder voltar a viver, porque minha vida estava em suspenso". A narrativa confirma o grau de humilhação de quem passa por uma situação como essas.

As postagens indevidas em redes sociais põem em evidência não só a vida da vítima, mas sim, de toda a família. Se no caso da atriz global as imagens tivessem mesmo vazado, que tipo de explicação ela daria aos filhos e o que eles iriam achar disso tudo? A falta de ética nesses meios se configura através da prática do cyberbullyng e atinge a estrutura familiar, pois os parentes também sofrem com as consequências desse ato.

Outro exemplo que podemos citar foi o da cantora Annita, que teve seu celular roubado após voltar de um show na cidade de Goiânia. Ela afirmou que as fotos não eram verdadeiras e sim montagens que foram feitas e postadas no facebook. Ambos os casos evidenciam a invasão de privacidade e superexposição a vida alheia na rede.

Dessa forma, a instituição “família” passa a ser cada vez mais fragilizada pela deturpação de valores que tal prática gera. Determinados usuários acham normal postar suas fotos em situações íntimas ou se apropriar de imagens alheias e ridicularizar a personalidade de outras pessoas, como foi feito no caso da cantora de funk Annita e da atriz global Carolina Dieckmann.

1.3 Comunicação sem fronteiras:

A sociedade pós-moderna é caracterizada pela transição da revolução industrial, marcada pela mudança dos métodos de produção artesanais para a produção por máquinas, o que permitiu a expansão e evolução das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que predominam no mundo cada vez mais globalizado encurtando distâncias geográficas e delineando relações sem fronteiras.

Através dessas novas tecnologias o homem passa a estabelecer um processo de informação e comunicação muito mais abrangente que antes, tendo acesso a conteúdos individuais e coletivos facilmente. Assim, a vulnerabilidade de dados ou imagens pessoais nesse ambiente é cada vez mais evidente, visto que essas tecnologias possibilitam que conteúdos circulem na rede, postados pelos usuários.

Na internet as informações disponibilizadas são chamadas de rastros digitais, (informações pessoais dispensadas, nas redes que são de difícil eliminação). Por isso, um internauta pode acessar um site de uma empresa on-line, e deixar lá seus dados que podem permanecer por um determinado período ou definitivamente, como o número do seu CPF e RG. Com isso, o internauta pode receber (Spam) falsas mensagens que o leve para sites de armadilhas. Na rede social facebook pode acontecer o mesmo, conteúdo com vídeos e fotografias com amigos e familiares podem comprometer futuramente o usuário, que terá que lutar muito para que o conteúdo seja retirado da rede, caso seja de cunho comprometedor.

Um antigo provérbio chinês diz que “existem três coisas que nunca voltam atrás: a palavra proferida, a flecha desferida e a oportunidade perdida”. Nos dias atuais permeados pela “Sociedade Tecnológica” poderíamos acrescentar mais um item no provérbio: “A informações que deixamos na internet”. A única diferença é que essas, ainda podem ser revertidas e/ou recuperadas, mas as sequelas permanecerão para sempre dependendo da apropriação que os dados obtiveram.

A época em que vivemos é marcada por uma sociedade cada vez mais tecnológica. Segundo Rifkin, (2001) “a sociedade tecnológica é marcada por imagens em detrimento das palavras” (RIFKIN, 2001, p.255). O autor postula que na contemporaneidade existe a prevalência de uma série de imagens dispensadas pela sociedade tecnológica, aliadas às palavras, o que é facilmente notado no ciberespaço (Espaço Virtual), lugar no qual a necessidade de se expor e ganhar notoriedade se tornou uma disputa cada vez maior. Vale tudo para chamar atenção nesse meio, colocando em risco a privacidade dos usuários que se expõem demasiadamente a qualquer custo para serem notados ou atingir um grande número de seguidores.

O facebook é uma das redes que possuem as maiores bases de dados sobre os usuários e seus hábitos de navegação e consumo que se encontra em constante crescimento, nela a auto exposição se configura como um ato cada vez mais normal.

São milhares as chamadas, Páginas de Fãs (FanPages) que tem por objetivo atingir cada vez mais um número maior de “curtidas” o que significa ter um maior número de pessoas que as seguem deixando comentários pessoais.

Nesse contexto, vale tudo para atrair os usuários. As páginas são fragmentadas por assuntos de interesses variados: pornografia, xenofobia, violência, discriminação, dentre outros.

Aí reside o grande perigo, pois em determinadas páginas pode haver a exposição de assuntos individuais sobre o usuário, postando imagens seguidas de palavras de forma muitas vezes inocente, o que pode gerar depois um grande arrependimento que não tem volta, visto que uma vez postados esses conteúdos milhares de usuários vão compartilhar e comentar sobre, é uma coisa na maioria das vezes sem volta. Assim, aquela pessoa que postou determinado assunto não fez ideia da repercussão negativa que este ato causaria.

As transformações que podem ser verificadas na sociedade tecnológica, de acordo com o pensamento do sociólogo espanhol Manuel Castells (2005) essas informações e conhecimentos representam um novo modo de desenvolvimento.

As palavras só reforçam os levantamentos feitos anteriormente cujo uso da informação de signos e símbolos representa um grande atrativo para os usuários. Entretanto, a sociedade do conhecimento depende de compartilhamento de dados significativos. Quando a rede é utilizada para futilidades, seu potencial é subaproveitado.

Na linguagem semiótica, que é a ciência geral dos signos e da semiótica, o signo representa um sistema de significação, ou seja, uma interpretação de sinais que as pessoas fazem de uma forma subjetiva, assim um signo pode ter determinado significado para um usuário e para outro algo totalmente diferente. Logo, no espaço virtual os diversos signos que encontramos vão ser interpretados de maneira diferente por cada usuário variando também seus modos de apropriação e compartilhamentos.

Já, o símbolo é um elemento de grande importância no processo comunicacional, pois se encontra difundido no cotidiano das pessoas e no saber humano. Determinados símbolos podem ser reconhecidos internacionalmente, como o da “Paz Mundial”, ou por grupos fechados como o símbolo de determinadas religiões. No espaço virtual existem

milhares de símbolos com representações diferentes, que configuram imagens capazes de seduzir e despertar a atenção dos usuários.

O escritor francês e criador do conceito de sociedade do espetáculo, Guy Debord, definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas por símbolos. Com essa definição o autor postula que as relações das pessoas se tornam cada vez menos autênticas, para ser algo superficial e mascarado por imagens que não representam seu verdadeiro significado.

Em razão da exposição superficial no ciberespaço, as relações no ambiente tecnológico se tornam cada vez mais superficiais. O sociólogo polonês preocupado em compreender a sociedade pós-moderna, Zygmunt Bauman, 87 anos, autor de vários livros nos quais discute as relações sociais na contemporaneidade, fez a seguinte afirmação em entrevista a um portal de notícias: “a atratividade desse novo tipo de amizade, o tipo de amizade de facebook, como eu a chamo, está exatamente aí: que é tão fácil de desconectar. É fácil conectar e fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar”.

Tais afirmações permitem refletir que no espaço virtual é muito fácil conseguir um grande número de supostos “amigos”, a diferença é que se pode romper a amizade na hora em que se quer ou desejar, basta um clique. Assim, essas relações se tornam líquidas, uma pessoa pode ter milhões de seguidores no mundo virtual e não ter um amigo que possa conversar olho no olho, gerando um vazio imenso que pode resultar em crises existenciais.

O tempo em que vivemos se torna cada vez mais superficial. “O mundo é um palco e a existência uma sucessão de representações” (RIFKIN, 2001, p. 255) significa dizer que tais representações se tornam necessárias para que as pessoas possam se integrar na sociedade tecnológica. Entretanto, não se tratam de extensões das relações do mundo presencial.

O facebook, por exemplo, não apresenta apenas pontos negativos e pode ser usado para fins de pesquisa ou manter contatos que possam facilitar o cotidiano. O grande problema é que a maioria dos usuários não tem isto em mente e utiliza a rede a fim de espetacularizar a própria vida, colocando se em evidência em todos os

momentos, desperdiçando o potencial de aprendizado que a rede pode oferecer para quem a utiliza com produtividade e reflexão.

Hoje, os dispositivos móveis permitem que o usuário fique on-line 24 horas por dia. Isso ampliou a necessidade de se expor de cada pessoa, o desejo de dizer onde está e com quem está ou para onde vai. Nesse cenário, coisas absurdas da intimidade se tornaram algo normal, como se não bastassem relatos sobre sua vida pessoal. Assim, tornam-se recorrentes imagens dos locais que esses usuários estão frequentando, colocando em risco sua segurança e colocando em evidência sua vida íntima para todo o mundo. Neste sentido, vale a pena perguntar: até que ponto vai a privacidade de cada pessoa? Será que ela existe no meio virtual? Quais os limites dessa exposição?

As informações e comunicações geraram e vêm gerando na história da humanidade várias revoluções. A primeira delas foi a invenção da escrita pelos sumérios na Mesopotâmia, por volta de 4000 a.C. É importante salientar que desde os primórdios da humanidade o homem tentou se comunicar. Na pré-história o ser humano se expressava através de desenhos pintados nas paredes ou cavernas (as inscrições rupestres).

A invenção do livro escrito na China em 1.300 a.C., foi a segunda grande revolução marcada pelas inovações técnicas que permitiam o acesso à informação. As palavras eram escritas em tabuletas de argila ou de pedra. Em seguida, veio a invenção da impressão em 1450 e 1455 por Gutenberg, considerado o evento mais importante do período moderno, o que caracteriza a terceira revolução.

Uma quarta revolução que podemos aqui denominar é a da “Sociedade da Informação” caracterizada pelo acesso quase que democrático a qualquer tipo de informação e o excesso de “Liberdade de Expressão”, onde as pessoas podem expor seus pensamentos da maneira que bem entenderem seja através de sites ou blogs pessoais ou nas redes de relacionamento, como o Facebook. A internet é grande pivô desta revolução, surgiu no período da guerra fria e foi criada com objetivos militares norte-americanos para manter as comunicações em caso de um suposto ataque dos inimigos. Posteriormente, nas décadas de 1970 e 1980, essa ferramenta deixou de ter fins meramente militares e passa a servir como meio de comunicação acadêmicas principalmente nos EUA, entre os alunos e professores das universidades.

Inicialmente, a internet era algo pouco acessível, limitado a determinado número de pessoas, geralmente acessível apenas nas grandes universidades norte americanas. Ao longo do tempo com a globalização a internet foi chegando a outros países. Com as linhas de créditos e financiamento que foram criadas no Brasil, a população menos favorecida passou a ter acesso à compra de computadores e com isso a internet foi se massificando.

A evolução das ferramentas de comunicação e a chegada das TICs possibilitaram uma vasta liberdade de expressão em que os usuários podem dizer o que pensam sem que haja tanta restrição. Isso gerou outro grande dilema que é a questão da privacidade alheia que pode comprometer a qualidade de vida dos usuários.

1.4 A privacidade nas redes:

A palavra “privacidade” é usada frequentemente em nosso cotidiano, como também em discussões de cunho político, filosófico e cidadão. Portanto, existem vários significados para esse termo dependendo do contexto em que se aplica. A palavra origina-se da raiz latina (O verbo *privare*, cuja forma adjetiva é *privatus*).

A privacidade diante das Tecnologias da Comunicação e Informação é algo bem questionado entre os estudiosos desse tema. Como é possível ter privacidade nesse meio se a todo o momento as pessoas sentem necessidade de se expor?

Através das redes de relacionamento é possível saber onde os indivíduos moram, qual seu grau de instrução, seu ciclo de amizade, que lugares frequentam e até mesmo conteúdos íntimos que dificilmente seriam divulgados sem ser no espaço virtual. Todas essas informações são de caráter individual. Portanto, a pessoa coloca em risco sua privacidade ao expor esses dados para o mundo inteiro.

A privacidade sempre foi algo polêmico na sociedade, mas o indivíduo que expõe sua vida demasiadamente no espaço virtual pode ter sua privacidade exposta e não perceber ou imaginar o que essa atitude pode gerar.

Outra questão que podemos colocar em evidência são os valores inerentes a cada usuário. Será que uma pessoa que dissemina sua vida pessoal sem limites pode ter seus valores e princípios respeitados?

A divulgação de imagens ou frases sobre o usuário pode fazer com que ele mude de opinião sobre determinados assuntos e interferir no seu juízo de valores. Por exemplo: um usuário pode ter determinado ponto de vista sobre ser ou não favorável à prisão para menores de 16 anos. Mas, ao ver ou participar de páginas que são a favor da redução da idade penal e constatar que a maioria dos amigos está fazendo comentários e compartilhando links a favor, pode mudar instantaneamente seu ponto de vista, como tivesse uma posição contrária anteriormente. Assim, o posicionamento anterior e seus valores sobre o assunto podem mudar repentinamente, visto que, a maioria não deseja ter uma opinião contrária a dos outros com medo de ser vítima de comentários nocivos ou até mesmo ser forçada a sair do grupo. Nesse sentido, a rede exerce influência coletiva sobre vários fatos discutidos na sociedade.

Rosemberg (2000) descreve a privacidade como prevenir que os outros tenham acesso às informações. Porém, podemos afirmar que quase tudo nesse meio sobre a vida das pessoas se torna transparente. São comuns atitudes como mostrar um bem novo que se adquire, seja um carro, um novo aparelho de celular, um computador novo ou até mesmo fotos de visita a lugares. Tais imagens podem despertar a cobiça dos que têm acesso às informações, desencadeando expressões de cyberbullying ou violência física.

Nesse sentido, observadores tornam-se ao mesmo tempo observados, é como se fosse um reality show da vida real, em que as pessoas desejam que suas ações sejam acompanhadas e gostam de acompanhar a vida dos outros.

O fato é que essas pessoas não se dão conta de que não podemos apresentar qualquer tipo de informação ao mundo sem refletir suas consequências. Muitas podem ser gravemente afetadas pelo compartilhamento abusivo de tais dados, ou seja, ao se espalhar fatos sobre determinados usuários, dependendo do conteúdo, as pessoas podem sofrer sanções impostas pela sociedade. Isso pode ser gerado por uma discriminação pessoal ou seu isolamento no ciclo de amizades de determinadas pessoas. Por exemplo, se um indivíduo tem seu celular furtado e nele contém cenas explícitas de sexo, cujas imagens forem parar na internet, o sujeito vai ser alvo de piadas por um bom tempo. O episódio pode ter consequências em sua vida pessoal, pode deixar de querer frequentar a escola por não aguentar mais os comentários nocivos ao seu respeito, ou ainda ter sua vida profissional prejudicada pela repercussão do escândalo.

Pode parecer uma coisa difícil de ser realizada,mas tal prática é mais comum do que nos parece. Basta fazer, uma busca de vídeos em que casais de namorados filmam o ato sexual e disponibilizam na internet, que facilmente serão encontradas várias situações, ou até mesmo depoimentos absurdos de mulheres sobre sua vida sexual que podem ser compartilhados no facebook a qualquer momento. Na maioria das vezes, as imagens são disponibilizadas por um dos parceiros sem que o outro tenha conhecimento, ou em alguns casos, quando a própria pessoa é exibicionista e decide compartilhar suas intimidades.

Nem todas as informações disponíveis no espaço virtual dos usuários estão em seu pleno poder, visto que as pessoas podem chegar a determinadas informações por maneiras diferentes. Assim, a perda da privacidade das pessoas se torna uma ameaça. Por isso não se pode disponibilizar qualquer tipo de conteúdo na rede.

É comum ouvirmos falar que a espécie humana enfrenta uma crise de moralidade e dificilmente as pessoas conseguem distinguir o que é certo na sociedade atual e o que é errado, bem como o que pode ser considerado bom ou mau no espaço virtual, a situação não é diferente,pois podemos sugerir que é até pior em virtude do alcance ilimitado dos fatos. Colocar em risco a privacidade nesse meio é algo que pode ser notado com frequência por parte do público juvenil que na maioria das vezes, utilizam as TICs com esse único propósito.Entretanto, com a correta utilização torna se uma excelente ferramenta para se obter conhecimentos e conteúdos qualificados.

1.5 O ciberespaço e suas apropriações:

Lévi (1999) esclarece: “O ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 52).Assim,todo o tipo de comunicação pode se estabelecer nesse espaço virtual ao qualquer hora e momento, repercutindo de maneira positiva ou negativa na vida dos usuários.

Temas relacionados ao sexo têm sido um dos assuntos mais procurados pela juventude. Por essa razão, fotos com poses sensuais são postadas em demasia estimulando a sexualidade precoce, são encontrados também muitos vídeos com cenas de atos sexuais entre jovens. As pessoas demonstram ter uma grande necessidade de estar em evidência, daí surge a recorrência de frases como: “*No shopping fazendo compras*”; “*Em casa num sábado ensolarado*”; “*Daqui a pouco indo para casa*”; “*Passando o*

tempo em tal lugar”; *“Voltar de onde não deveria ter saído*”; *“ Na praia com amigos*”;ou *“Com meu namorado numa pizzaria aqui perto de casa”*. Esses são apenas alguns exemplos de como esses usuários juvenis se tornam vulneráveis à exposição indevida de sua vida íntima mediante sua própria exposição de conteúdos pessoais no ciberespaço.

O ciberespaço pode desencadear o isolamento social tendo em vista que as relações virtuais não substituem as relações interpessoais. Segundo Lévy (1999) “As relações “virtuais” não substituem pura e simplesmente os encontros físicos” (LÉVY, 1999, p. 129). Tais relações nunca serão da mesma forma que os relacionamentos no cotidiano, pois se tornam fragilizadas e passageiras, frutos da liquidez dos tempos modernos.

O autor aponta três princípios que orientam o crescimento inicial do ciberespaço: *a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva*. Segundo o filósofo, uma das pulsões mais fortes do ciberespaço é a da *interconexão*, que representam um mundo sem fronteiras em que os jovens podem estabelecer contatos com pessoas de outros hemisférios sem precisar se deslocar para conhecer seus hábitos e costumes e incorporá-los ao seu dia a dia. O segundo princípio se refere às *comunidades virtuais*, que se dá pelas interconexões através de um processo de cooperação ou de troca independente das barreiras geográficas. De acordo com o filósofo, o terceiro princípio, concerne a *Inteligência Coletiva*, onde um grupo qualquer só se interessa em constituir-se em comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, capaz de aprender e de inventar, do que um coletivo inteligentemente gerenciado.

O acesso às novas tecnologias da informação também altera o processo cognitivo das pessoas. Assim, dependendo do conteúdo acessado os jovens internautas podem ter ideias equivocadas sobre determinados assuntos, o que compromete suas escolhas e posturas na relação com a internet.

De acordo com Lévy (1997) as tecnologias intelectuais são importantes para os processos cognitivos diante da representação que a cultura nos oferece na percepção das atividades desenvolvidas pelas sociedades do mundo contemporâneo:

As tecnologias intelectuais desempenham um papel fundamental nos processos cognitivos, mesmo nos mais cotidianos; para perceber isso, basta pensar no lugar ocupado pela escrita nas sociedades desenvolvidas contemporâneas. Essas tecnologias estruturam profundamente nossa capacidade de percepção, de manipulação e de imaginação. Por exemplo,

nossa percepção da cidade onde vivemos muda dependendo se costumamos ou não consultar mapas. Muitas vezes, os métodos para resolver certos problemas são incorporados nos sistemas de representação que a cultura nos oferece, como é o caso, por exemplo, na notação matemática ou nos mapas geográficos (LÉVY, 1997, p.160).

Segundo o autor, essas novas tecnologias intelectuais podem levar a comportamentos de manipulação, substituindo a imaginação dos jovens onde a cultura oferece sistemas de representação que incorporamos métodos de resolução para os problemas que nos dá a capacidade de percepção da nossa realidade.

Se alguém disponibiliza um vídeo ou fotos com conteúdo sexual, pode achar que está fazendo sucesso nas redes e que essas imagens vão “bombar”, mas na verdade, esse é um tipo de atitude sem percepção da realidade que pode difamar os envolvidos em virtude de cenas com diferentes tipos de representações ou repercussões negativas.

Entretanto, o ciberespaço oferece múltiplas possibilidades. Organizações, por exemplo, podem utilizar essas redes a fim de obter pesquisas de mercado, ter acesso a dados sobre a concorrência comercial, descobrir novos nichos de comercialização, bem como, desenvolver o comércio digital fazendo com que as pessoas comprem produtos em sua própria casa. Isso é um grande avanço, visto que, reduz a circulação de pessoas que necessitam sair com seus transportes para fazer compras contribuindo, dessa forma, de maneira positiva para minimizar a poluição do meio ambiente.

Outra vantagem que o ciberespaço proporciona são as bibliotecas virtuais, com várias fontes, que facilitam a vida dos leitores. Sem essas redes não seria possível agir diante de tantas informações que bombardeiam nosso cotidiano. O mundo vive conectado e as informações não param de chegar, o que o sujeito vai assistir no Jornal Nacional às 20:00 h pode ser visto bem antes. O fluxo informacional da era cibernética avança de modo vertiginoso e as pessoas necessitam acompanhar essas novas tecnologias no seu trabalho ou em sua vida pessoal. Contudo, há necessidade de filtrar essas informações, selecionando com critério os dados e as fontes disseminadoras.

Podemos ainda destacar o fenômeno das convergências digitais, ou seja, cada vez mais as mídias vão se integrando e convergindo entre si. Tempos atrás o telefone celular tinha a simples missão de fazer ligações, hoje o mesmo aparelho pode ser usado com diversas finalidades, como câmera fotográfica, rádio, relógio, gravador, filmadora, despertador, palm top, calculadora, smartphone, entre outras. Entender e usar essas

novas tecnologias são ações comuns no novo século, cujos fins podem ser percebidos nas sociedades e nos campos de conhecimento, a exemplo a educação e a comunicação.

É nesse contexto que o ciberespaço emerge quanto nicho de interação social como de aquisição de conhecimentos. Hoje, por exemplo, temos diversos cursos à distância, que proporcionam espaços de inclusão de saberes criados por softwares que auxiliam a dinâmica do aprendizado, como vídeos/aulas ou conferências on-line. Um estudioso de determinada área não precisa se deslocar quilômetros para assistir palestra, a qual pode ser vista em qualquer lugar do mundo se for transmitida via internet.

O domínio digital se tornou algo indispensável na vida das pessoas fazendo parte do seu cotidiano, pois na medida em que nos comunicarmos por telefone escolhemos também participar por conferências via computador. Rheingold (1996) considera que:

Na medida em que não podemos pegar simplesmente no telefone e pedir uma ligação com alguém que queria conversar sobre arte islâmica ou vinhos da Califórnia, ou alguém com uma filha de três anos ou um carro de 40; podemos, todavia, participar numa conferência por computador sobre quaisquer desses tópicos(RHEINGOLD, 1996, p. 44).

De acordo com o autor, a comunicação facilitada pelo espaço virtual permite que haja interação entre pessoas diferentes sobre diversos assuntos em qualquer parte do planeta. Tais conexões permitem ao usuário que ele estabeleça contatos com outras culturas e etnias adquirindo novos conhecimentos através da internet, por exemplo, a arte islâmica citada pelo autor.

Além disso, este espaço facilita a comunicação que pode ser estabelecida através de dispositivos audiovisuais em que alguém pode visualizar e ouvir seu interlocutor em tempo real. Porém, cada pessoa pode usar este espaço da forma que bem entende que podem ocasionar atitudes que provoquem até mesmo a morte de usuários.

2. TRAGÉDIAS ANUNCIADAS: A EXPOSIÇÃO DAS FRAGILIDADES HUMANAS:

O anúncio de suicídio nas redes sociais é uma realidade presente em termos de visibilidade virtual. Um dos casos que ganhou grande repercussão na imprensa nacional foi o da adolescente Piauiense Júlia Rebeca, ocorrido em 10 de novembro de 2013, que chocou os moradores da cidade de Parnaíba, localizada no norte do Piauí, bem como toda a sociedade brasileira.

Uma jovem de 17 anos havia gravado um vídeo com cenas de sexo junto outra garota e um rapaz também menor de idade. As imagens vazaram na internet e foram distribuídas através de dispositivos móveis por toda a cidade. Após a divulgação das cenas a adolescente tirou a própria vida e se despediu da mãe em uma rede social deixando as seguintes mensagens¹.

Segundo uma reportagem exibida pelo Fantástico, a vítima era uma adolescente comum, estava sempre sorridente e tinha um forte vínculo familiar. De acordo com essa matéria, as amigas de Júlia Rebeca relataram que nas últimas semanas antes de anunciar seu suicídio. Essa jovem apresentava comportamento estranho se isolando do grupo e o tempo todo digitando mensagens pelo seu celular, além de ter mudado repentinamente suas características de uma pessoa alegre para um ser humano deprimido.

A polícia do estado do Piauí passou a investigar o caso para saber quem havia postado as imagens que, infelizmente levou a jovem a tomar esta decisão, e considerou como vítimas os três jovens envolvidos no vídeo passando a trabalhar na hipótese de indicar como cúmplices as pessoas que compartilharam essa gravação na internet.

De acordo com a mãe de Júlia, a exposição feita das imagens de sua filha foi uma verdadeira “violação” já que, se tratava de um momento íntimo entre os envolvidos e que virou “uma arma” ao ser divulgado nas redes sociais.

Na mesma reportagem foram mostrados outros casos de mulheres que tiveram suas vidas expostas nessas redes, como uma jovem goiana, cujo vídeo mostra a intimidade dos atos sexuais com ex-parceiro, sendo divulgados e compartilhados milhares de vezes na internet.

Após o ocorrido, a vítima passou a ser alvo de piadas nas ruas e no espaço virtual. Apesar de ter registrado um boletim de ocorrências as imagens ganharam o mundo levando a envolvida a mudar de aparência para não ser reconhecida em público. Ela chegou ao ponto de parar de trabalhar temendo repercussão do feito. Em depoimento, disse que evitava sair de casa e que o fato mudou sua vida, pois não conseguia mais estudar e realizar tarefas comuns do cotidiano.

¹“Eu tô com medo mais acho que é thau pra sempre” “Eu te amo desculpa não ser a filha perfeita, mas eu tentei... desculpa, desculpa eu te amo muito...” “É daqui a pouco que tudo acaba”.

A reportagem apontou também que é grande o número de casais que filmam o ato sexual e as principais vítimas das chamadas “pornografias de revanche” são as mulheres, o que acarreta uma grande carga moral e social para essas pessoas. O termo privacidade consiste no direito a reserva de informações pessoais e da própria vida, ou seja, “o direito de ser deixado em paz”, logo cada indivíduo pode controlar a exposição e a disponibilidade de informações sobre si, mas quando essas informações por acaso caem nas mãos de outrem representa instantaneamente uma ameaça onde as vítimas passam a ser inseridas na “sociedade do espetáculo”.

O espetáculo em si representa uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens onde cada uma delas vive a “intimidade do espetáculo”, diante da privacidade inserida neste meio. Esta situação pode ser notada a partir dos fenômenos do comportamento nas mídias como os realitys shows, biografias ou revista de fofocas, blogs, redes sociais, entre outras, em que as pessoas abdicam de sua privacidade pela necessidade de obter destaque e reconhecimento.

Outro caso mostrado na reportagem foi de uma paranaense que, após sete anos de ter prescindido na internet suas fotos íntimas divulgadas pelo ex-namorado, ainda sofre com o caso. As imagens montadas pelo acusado simulavam cenas de sexo explícito e foram enviadas para mais de quinze mil e-mails, além do ramal do escritório que ela trabalhava e até mesmo o telefone celular do seu filho, tornando vulnerável à exposição de sua família.

Após o acontecimento, a paranaense passou a receber várias ligações de homens convidando-a para fazer programas. Ela procurou a justiça e seu ex-namorado foi condenado e preso por difamação, enquadrado na lei “Maria da Penha”, que garante a integridade física e psicológica das mulheres que sofrem esse tipo de violência.

Na matéria também foi citado o caso de uma professora de Minas Gerais, em que seu ex-namorado foi condenado pelo mesmo crime após enviar fotos dela completamente nua para milhares de pessoas. O acusado teve que prestar serviços comunitários e pagar indenização por danos morais.

Diante desses exemplos citados, podemos afirmar que de fato há uma nova modalidade de crimes cometidos no espaço virtual que avança cada vez mais na sociedade permeada pelas redes de relacionamento virtuais, os chamados “crimes

virtuais”, cometidos pelo acesso indevido de informações eletrônicas dos usuários do ciberespaço permeado pelo advento da internet e da sociedade da informação. Portanto, segundo Barreto Junior (2007):

Com o advento da Internet e da Sociedade da Informação, surgiu uma nova modalidade de crimes cometidos no espaço virtual da rede através de e-mails (correio eletrônico), web sites (sítios pessoais, institucionais ou apócrifos) ou mesmo ocorridos em comunidades de relacionamento na Internet, entre as quais a mais conhecida é o Orkut, propriedade do provedor de conteúdo americano Google. As transações comerciais eletrônicas, envolvendo compras que exigem a identificação do número de cartão de crédito, as transações bancárias, que solicitam registro de dados referentes às contas correntes bancárias, além do uso de senhas e demais mecanismos de segurança, assim como a profusão de novas modalidades relacionais mantidas em sociedade, através da Internet, propiciaram o surgimento de novas modalidades de crimes na web, batizados de crimes virtuais (JUNIOR, 2007, p. 71).

Para o autor, esses crimes na web são motivados pelo excesso de informação que os usuários das redes sociais disponibilizam ao se cadastrarem em sites eletrônicos. Essas transações eletrônicas comerciais ou pessoais colocadas de forma indevida nas redes estão propagando dessa forma a exposição desses jovens no ciberespaço, sendo cometidos crimes virtuais, a exemplo o facebook, provedor mais acessado na atualidade.

Sobre a rede social facebook, podemos citar o caso da jovem Thamiris Sato, 21 anos, que acusou o ex-namorado de ser responsável por divulgar material íntimo após término do seu relacionamento. A jovem teve sua intimidade exposta na internet e sem saber disso começou a receber mensagens em troca de favores sexuais e convites para “festas íntimas”, além de alertas comunicando que uma foto dela nua estava em sites pornográficos e em perfis falsos da rede social.

Em depoimento a revista Carta Capital, ela declarou que a humilhação foi tamanha que pensou em transferir o curso de letras que fazia na época para outra cidade ou estado, fazer um intercâmbio na Rússia e até mesmo cometer suicídio, mas se conteve pelo apoio, afeto e amor que recebeu dos seus familiares.

Na tentativa de esclarecer a situação da moça, também por meio do facebook, publicou um dossiê com mensagens acusando o ex-namorado, um estudante búlgaro, pelo vazamento das imagens. Eis o trecho de uma parte do depoimento de Thamiris: “O que vou escrever agora me deixa extremamente desconfortável. Eu não queria este tipo de exposição, mas depois de toda a minha intimidade exposta pelo meu ex-namorado, e

receber mais de 100 mensagens de pessoas desconhecidas, vou dar uma única resposta. Para contextualizar: O nosso namoro era permeado por brigas e término semanais e/ou mensais. Meus amigos podem confirmar isso. Estávamos ambos infelizes, ele vivia testando os meus limites e depois pedindo desculpas, porque “se eu realmente amasse, eu daria outra chance” e ficamos nesse lixo por um tempo incrível. Posso afirmar que ele continua testando meus limites”, disse ela.

Apesar de ter sua vida exposta no facebook a adolescente utiliza a mesma rede para justificar o ocorrido, colocando ainda mais em evidência aspectos de sua vida pessoal oferecendo detalhes sobre sua relação afetiva: “Me senti impotente. E com nojo”, este foi um dos sentimentos também relatados. Segundo ela, após o fim de um namoro de um ano e sete meses começaram as ameaças de seu ex-namorado de expor suas fotos íntimas. “Foram quase dois meses sem ir à delegacia, até que ele me ameaçou de morte,” relatou.

Apesar de gerar situações de disseminação de conteúdos indesejáveis a interatividade na rede social facebook evolui rapidamente, tornando esse espaço propício a liquidez dos contatos humanos onde para todas as necessidades em tese podem ser supridas desde o ato de fazer compras, saciar necessidade de contatos, pagar contas, frequentar universidades on-line entre outras atividades que podem ser feitas conectado a rede e que leva a esquecermos por diversas vezes de fazer estas atividades quando estamos desconectado.

Nesse tipo de sociedade líquida e moderna o ser humano cada vez mais se aproxima do mundo e se distancia das pessoas, assim as conexões humanas se tornam mais frequentes. Os relacionamentos na internet passam a ser mais procurados devido a sua comodidade de criar e desfazer estes vínculos em poucos cliques.

O sociólogo polonês radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman, um dos intelectuais mais respeitados e produtivos da atualidade em entrevista a revista, ISTOÉ, definiu a sociedade líquida da seguinte maneira: “Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem”.

De acordo com as colocações do autor, os laços humanos não são mais constituídos como antes, e toda relação é passageira sem solidificação pelo fato de que sair da “realidade virtual” não é fácil. Outra vertente defendida pelo autor é o amor líquido, caracterizado pelos padrões de bem de consumo, que se mantem enquanto trouxerem satisfação e o substituem por outros que prometem ainda mais, ou seja, neste tipo de relação prevalecem os parceiros (as) que oferecerem um ao outro, melhores padrões de consumo e conforto, sendo que quando outra relação apareça com melhores propostas deste consumismo e conforto desenfreado que poderá ser substituída, é assim que podemos detectar nas relações entre famosos que casam por diversas vezes mudando sempre de parceiros(as).

Bauman caracteriza os relacionamentos líquidos da era virtual como sendo de poucas palavras, do prazer pelo prazer, da falta de amor e da necessidade de comunicação. Assim, um internauta que passa a se relacionar com uma pessoa que está tão longe acaba esquecendo quem está por perto como se a situação fosse considerada como normal favorecendo cada vez mais a interação nas redes.

2.1 A interatividade na rede social facebook:

Segundo Lévy (1999) “O termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário da transação de informação” (LÉVY, 1999, p. 79). De acordo com as palavras do autor, o processo interativo se dá através da participação e autonomia do receptor de determinadas mensagens neste meio. Assim sendo, na rede de relacionamento social facebook, cada um dos usuários pode interpretar palavras, textos, mensagens, imagens, vídeos de acordo com seu potencial de atribuição de sentidos. Um conteúdo que poder ser visto de uma maneira por um internauta pode ser interpretado de modo diferente por outro, em razão dos processos socioculturais que vivenciam e influenciam suas “leituras” de mundo.

A apropriação dos conteúdos por parte do receptor é que vai determinar o grau de interatividade. Uma pessoa pode se interessar por conteúdos que apelem para a pornografia, xenofobia, homossexualismo, dentre outros, de acordo com o que considera como algo “interativo” ou não para ela. Assim, o compartilhamento de vídeos que mostram cenas de sexo se dá pelo interesse de cada usuário comentar sobre este

assunto tornando-o como principal fonte de interação entre os demais internautas, pois na rede cada usuário se torna responsável pela acessibilidade informativa que busca.

Lévy (1999) defende que o grau de interatividade de uma mídia ou dispositivo de comunicação medido em eixos diferentes, dos quais destaca: 1) a possibilidade de apropriação e personalização da mensagem recebida seja qual for a natureza desta mensagem; 2) a reciprocidade da comunicação (a saber, um dispositivo comunicacional “um-um” ou “todos-todos”); 3) a virtualidade, que enfatiza aqui o cálculo da mensagem em tempo real, em função de um modelo e dados da entrada; 4) a implicação das imagens dos participantes das mensagens; 5) a tele presença (LÉVY, 1999, p. 82).

Segundo Marteleto (2001) redes sociais representam “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p.72). Desde o início da humanidade o homem se relacionou com grupos diferentes. De acordo com a autora, nas redes acontece o mesmo, o que muda é a forma de se relacionar, mas os interesses são os comuns fora e dentro do espaço virtual.

Um usuário, por exemplo, quando deixa evidente em seu perfil que está solteiro, logo surgem vários comentários até mesmo de desconhecidos em querer saber algo mais daquele indivíduo iniciando assim uma troca de mensagens com o propósito de “conhecer” mais sobre a vida da pessoa.

O relacionamento que se deu inicialmente através desta rede migra para o campo pessoal levando os interessados a marcarem encontros mesmo sem nunca ter tido nenhum contato anterior. Outros fatores podem ocorrer em consequência desta interação como, por exemplo, briga entre casais em decorrência dos conteúdos postados, traição virtual e até mesmo assassinatos planejados pela rede.

Castells (1999) diz que o grande estudioso das tecnologias, define as redes como: “um conjunto de nós interconectados”(CASTELLS, 1999, p. 498). Nesse sentido, estas interconexões representam uma série de mudanças no cotidiano das pessoas situando tais dispositivos como pontos de convergências.

Com isso, as relações ultrapassam os limites geográficos e ocorrem independentemente do tempo ou espaço podendo ser estabelecidas em qualquer hora e lugar. Até mesmo em locais de trabalho, as pessoas usam o tempo livre para abrir sua rede e saber o que está acontecendo no mundo. Muitos utilizam esse espaço para construir uma boa reputação, tendo em vista que no mundo virtual isso representa os valores a serem disseminados. É comum, por exemplo, empresas e contratantes fazerem uma busca da “personalidade” dos usuários nessas redes a fim de obter maiores informações e saber assuntos abordam e a que comunidades virtuais pertencem.

2.2As comunidades virtuais: perspectiva de encontros e compartilhamento:

De acordo com Bauman (2001)“Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega - todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar (BAUMAN, 2001, p. 07).

Segundo o autor, a palavra comunidade nos dá sensação de segurança, conforto e convívio social sem perigos ocultos em que todos se entendem bem e podem confiar no que ouvem, podendo haver discussões, mas de forma amigável, visto que, todos buscam uma união agradável em que as pessoas em nossa volta nos querem o bem.

Bauman defende que, a palavra passa o significado de que“Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez”, “É fácil ver por que a palavra “comunidade” sugere coisa boa” (BAUMAN, 2001, p. 08).

Porém, na prática, isso muda totalmente a palavra “comunidade” soa como música para nossos ouvidos, mas segundoBauman (2001), em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está lamentavelmente ao nosso alcance, mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. (BAUMAN, 2001, p. 09).

As palavras do autor se comprovam a utópica comunidade proposta pela humanidade que reproduz a “sensação de aconchego” quando na verdade, todos vivem sobre a sensação de insegurança trancados em suas próprias residências e a confiança que depositamos em outras pessoas até mesmo entre vizinhos raramente existe, logo nossa liberdade fica comprometida o que acontece semelhantemente nas chamadas

“comunidades virtuais”, constituídas sobre afinidades de interesses mesmo sem proximidades geográficas entre os usuários. De acordo com Lévy (1999):

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p.121).

O autor postula que as comunidades são constituídas através das afinidades entre seus membros em se tratando de um processo de cooperação ou de troca, assim pessoas do mundo todo podem se conhecer através da comunidade virtual, utilizando a rede social como uma importante ferramenta de comunicação e interação social.

A aproximação com essas comunidades virtuais se dá pela consulta que o usuário faz sobre quais são as comunidades que lhe interessam ou não, gerando uma reciprocidade de objetivos. Como em qualquer tipo de comunidade nessas também existem regras: se em sua rede particular o indivíduo pode postar o que desejar, portanto, nesse modelo o mesmo não ocorre.

Os ataques pessoais e a discriminação em uma comunidade virtual podem ir de encontro com as regras morais do grupo, portanto, os membros que insistem nessa postura podem ser bloqueados pelos administradores. Porém, este fato não impede que conflitos transcorram corriqueiramente. Para Lévy (1999):

A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, que podem exprimir-se de forma bastante brutal nas contendas oratórias entre membros ou nas *flames* durante as quais diversos membros “incendiam” aquele ou aquela que tenha infligido as regras morais do grupo” (LÉVY, 1999, p.129).

O pensamento do autor se assemelha ao que acontece na vida de uma comunidade virtual, como por exemplo, em grupos fechados na rede social facebook. Se uma turma de universitários cria um grupo para discutir assuntos relativos à universidade e alguém da turma posta comentários ou discussões fora do contexto, será “desligado” por não compartilhar as ideias dos demais.

As relações estabelecidas nas comunidades podem gerar afinidades entre os membros, alianças intelectuais ou novas amizades dependendo da escrita de cada um e

suas tomadas de decisões que podem deixar transparecer sua personalidade. Diante disso, podem ser geradas também situações de manipulações.

Segundo o estudioso do tema Lévy (1999) “As manipulações e enganações sempre são possíveis nas comunidades virtuais” (LÉVY, 1999, p. 129). Podemos compreender que são várias formas de opiniões que circulam na rede e não há parâmetros para avaliar o grau de sinceridade de cada uma. Sobretudo, quando se sabe que o espaço virtual comporta construções subjetivas.

Os chamados, “perfis fakes” ou identidade forjada, podem ser criados representando pessoas ou grupos, nos quais o usuário pode descrever o perfil dessas pessoas como nome, profissão, estado civil, endereço, gosto musical e até mesmo a opção sexual, forjando e alterando a identidade das vítimas que tem suas identidades expostas de maneira falsa tornando-se vulneráveis a ameaças e comentários maldosos.

Quando um usuário tenta se passar por outra pessoa cria essas páginas e perfis que não são seus, causando danos incalculáveis quando praticadas na internet. O usuário responsável pela criação do perfil falso é chamado de “*fake*” e se descoberto, pode responder pelo crime na esfera civil pelos danos morais e patrimoniais possivelmente causados e até mesmo na esfera penal em certos casos como já citados aqui. O que ocorre é que se torna difícil em muitos casos monitorar os conteúdos postados por terceiros na internet devido a sua expansão, contudo, os órgãos competentes não podem se omitir em casos como estes.

Esses conteúdos são muito atrativos para os jovens usuários do ciberespaço, pois o ser humano tem um interesse em se aproximar do ideal do coletivo inteligente, por isso tende a participar e interagir através das comunidades virtuais. Diante disso, Lévy (1999) diz que:

Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligente gerenciado (LÉVY, 1999, p. 131).

Para o autor, determinadas comunidades são criadas com um objetivo de compartilhamento de saberes o que ele classifica de “inteligência coletiva”. “É

praticada, sobretudo, on-line por um número cada vez maior de surfistas da internet, de participantes de newsgroups e nas comunidades virtuais de todos os tipos” Lévy (1999). A partir disso, surge uma inteligência compartilhada decorrente dos interesses de várias pessoas e distribuída por toda a parte, de acordo com o conhecimento de cada uma, tendo em vista que todo ser humano tem algum saber para dividir com os demais.

Nesse sentido, a rede forja a criação de uma cibercultura que se manifesta mediante diferentes expressões que se conectam através de um mesmo suporte: o universo on-line.

2.3 A cibercultura: território de novas sociabilidades:

Acibercultura é caracterizada pela conexão com outras formas culturais estabelecidas na rede, oferecendo alternativas de comunicação que chamam a atenção de milhares de pessoas pelo mundo. Gerada por uma relação entre culturas e novas tecnologias, proporcionada pela instantaneidade da internet e das telecomunicações, a cibercultura constitui um espaço virtual marcado pela convergência de suportes que possibilitam o rompimento de fronteiras geográficas, onde a obra da cibercultura é representada pela universalidade em conexão virtual com outras obras na rede e não mais validada ou conservada em todas as partes. De acordo com Lévy (1999):

“A obra da cibercultura atinge certa forma de universalidade por presença ubiqüitaria na rede, por conexão com outras obras e co-presença, por abertura material, e não mais necessariamente pela significação válida ou conservada em todas as partes” (LÉVY, 1999, p. 147).

Para o autor, essa forma de universalidade é uma conexão presencial de rede e também co-presença, por abertura material da obra da cibercultura. Este se dá pelo estabelecimento das relações entre os indivíduos sem necessidade de deslocamento físico. Por exemplo, se o usuário se cadastra em um determinado site e compartilha algo que viu, deixando o conteúdo disponível para outras pessoas, podemos afirmar que tal fato se caracterizou como um fenômeno cibercultural.

Com isso, vivemos a abertura de um novo espaço de comunicação que pode ser explorado de forma positiva ou negativa. No que diz respeito aos aspectos relevantes a cibercultura, possibilita pluralidade de informações de vários âmbitos, a exemplo dos

econômicos, políticos ou culturais, que podem atrair as atenções de uma enorme diversidade de públicos.

As trocas de conhecimento, as transmissões de saberes e a descobertas de diferenças também proporcionados pela cibercultura permeada por um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento da interconexão de “nós” entre computadores. A educação à distância, para citarmos outro aspecto, fez da rede um lugar para a produção de conhecimentos, favorecendo a inteligência coletiva citada por Pierre Lévy.

Entretanto, os fatores negativos que a cibercultura pode desencadear como as identidades falsas em que determinados perfis de grupos (banda, partido, empresa, organização, etc.) podem ser criados sem devida autorização, divulgando conteúdos indesejáveis. Tais comunidades podem ser geradas com interesses específicos, como prejudicar a imagem dos envolvidos e ludibriar a opinião pública sobre eles. Por isso, é constante a divulgação de anúncios “falsos” de empresas sérias. Até mesmo, concorrentes a emprego são capazes de realizar tal procedimento com intuito de alcançar determinadas vantagens.

Os chamados fakes (falsos perfis) também podem ser criados por pessoas que tentam se passar por personalidades famosas. Neste sentido, a cibercultura pode apresentar vários estágios intermediários, interferindo no desenvolvimento do juízo de valores dos jovens cuja personalidade está em formação, tornando-se vulnerável a influências e inspirando-se em determinadas celebridades com perfis falsos na rede. Os ídolos na rede são cada vez mais “fabricados”, dependendo da construção de estereótipos que seduzem principalmente a juventude.

Assim, a cibercultura muda o imaginário e as relações humanas de forma interativa, num contexto social marcado pelas tecnologias de comunicação, construindo novos laços e inventando um cenário convergente que pode alterar o conceito de “comunicação” originado no início da modernidade.

O facebook tornou-se espaço de “divulgação” de imagens e os comentários dispersos nas chamadas fanpagesque são curtidos, comentados e compartilhados por

peças do mundo inteiro. Criar e manter perfis falsos neste meio se tornou uma ameaça, uma vez que os conteúdos e informações pessoais podem ser manipulados por usuários mal intencionados.

A cibercultura está presente em nosso cotidiano de diversas formas. Com apenas um clique o internauta pode conhecer lugares e assuntos que antes não tinha acesso. Não fossem as tecnologias do computador e a internet. Diferente das mídias convencionais como a TV, Rádio, Jornal Impresso, caracterizados pela presença de um emissor que envia mensagens para diversos receptores, a cibercultura proporciona um espaço mais amplo onde a relação com o outro se dá no contexto de “todos por todos” onde é possível ser produtores ativos de informações como também receber e interagir em tempo real.

3. A INFLUÊNCIA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA NOS JOVENS:

A cultura contemporânea tem transformado o cotidiano dos jovens pertencentes a diversas classes sociais de diferentes maneiras. Um dos instrumentos dessa transformação são os veículos de comunicação. Nestes espaços, existe uma crescente tendência de espetacularizar os acontecimentos da vida privada, conforme abordamos nos capítulos anteriores.

Desse modo surge, a necessidade de compreender como os jovens são afetados pelas mudanças do cotidiano e como se dá a configuração do comportamento da juventude no mundo contemporâneo, cujos perfis são permeados por momentos de incertezas e dúvidas quanto ao seu papel na sociedade.

A juventude é uma fase da vida repleta de angústias e instabilidades, como também uma etapa de novas descobertas e conquistas. Cada ciência tem seu modo de descrever a juventude, por isso, não existe uma fórmula certa de caracterizá-la. No âmbito das ciências sociais e humanas a juventude é entendida como uma das fases do ciclo humano que se inicia com o nascimento, a reprodução e a velhice. Em síntese, na fase jovem ocorrem mudanças psicológicas e sociais de cada pessoa, importantes para moldar suas perspectivas do mundo adulto.

Muitos autores afirmam que não podemos falar de juventude apenas no singular e sim de “juventudes” tendo em vista que cada jovem tem suas peculiaridades, origens

sociais e culturais. O que não podemos discordar é que a juventude caracteriza-se pela passagem entre a infância, adolescência e idade adulta que representam estágios de vida diferentes, trazendo aspectos comuns à maioria das pessoas.

Existem autores, a exemplo de Novaes (2007), que caracterizam esta época da vida entre a juventude e a adolescência como produções culturais da modernidade em meio ao fortalecimento da indústria cultural e do consumismo. Novaes (2007) afirma que “na sociedade moderna, [...] a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e definição de projetos do futuro” (NOVAES, 2007, p. 07).

É nessa fase que surgem diversos dilemas que vão desde a escolha de uma futura profissão, a dúvidas em torno da sexualidade, sexo, relacionamentos amorosos, convívio na sociedade, dentre outros. As decisões tomadas neste período da vida podem comprometer o resto da vida de cada pessoa que podem se frustrar com suas escolhas futuras. E ainda existe o risco de adultos terem comportamentos juvenis ao longo da vida, exatamente numa tentativa de prolongar a juventude tardia em decorrência da ausência de decisões.

No Brasil, a categoria juvenil há pouco tempo passou a ser olhada com atenção pelos governantes. A questão da juventude envolve todas as esferas sociais, por isso, é necessário o planejamento de políticas públicas que atendam esta demanda, algo que está sendo feito tardiamente e timidamente no nosso país, tendo em vista que os jovens nunca foram compreendidos em sua diversidade, como sujeitos de direitos e deveres, mas sim, como foco de graves problemas sociais, sendo atribuída a eles a participação na violência e marginalidade. Talvez, este fato contribui para o grande dilema que esta classe vive hoje, como o consumo de drogas, que só depois de muito tempo as autoridades puderam perceber que é um grande problema social, onde envolve diversos setores como a saúde, segurança e o convívio familiar. Nesse sentido, o papel da escola, por exemplo, no que diz respeito à educação, é de fundamental importância por identificar e conscientizar a estrutura social que o melhor caminho para amenizar ou resolver este problema seria dar atenção e tratamento aos jovens que se envolvem com estas práticas, antes que enveredem pelo caminho do crime.

De acordo com Giddens (1991) “os modos de vida produzidos pela Modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira sem precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 14). Ou seja, se antes tínhamos absoluta “certeza”

sobre determinadas decisões, hoje tais “certezas” parecem voláteis devido às consequências geradas pela modernidade: a velocidade das informações no mundo e a globalização do consumo desenfreado. Assim, a juventude que, como já dito, é a fase de indecisões e projetos futuros e apresenta-se mais insegura do que antes, enfrentando grandes incertezas quanto às escolhas profissionais, à segurança financeira e até mesmo à formação familiar, além de outros dilemas de ordem biopsicossocial, levando-os esses grupos a assumir grandes riscos independentemente de nível social ou diferenças culturais. Tais riscos podem ser: exposição a violências em suas variadas formas (virtual, pessoal, psicológica), instabilidade no mundo do trabalho, desestruturação familiar, privações culturais ou educacionais, entre outros.

Neste contexto da Modernidade, Giddens (1991) ainda nos traz a ideia dos desencaixes característicos deste período. Estes dizem respeito à relação tempo espaço que permitiu a globalização. Um exemplo disso são as amplas possibilidades de comunicação, entre pessoas distantes e em diferentes espaços em tempo real.

Em se tratando da categoria juventude, os desencaixes são caracterizados ainda pelo perfil tecnológico dessa classe que consegue fazer uso de vários recursos tecnológicos ao mesmo tempo como internet, televisão, rádio, bate papo, música, o que também marca a passagem de uma sociedade analógica para o contexto das virtualidades digitais.

De acordo com Touraine (1994) “diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo moderno” (TOURAINÉ, 1994, p. 45). Assim, o que é tradicional é questionado pelos jovens que adotam o termo “moderno” para suas escolhas e posturas. Isso pode ser visto, por exemplo, nas músicas escutadas de hoje em dia, como o funk que é considerado moderno em contraposição a ritmos do nordeste, como o gênero musical baião que pode ser visto por alguns jovens como algo ultrapassado.

Outra forma de externar este pensamento de um novo “estilo de ser” é ridiculizando as roupas, com adornos corporais que fogem aos padrões. Segundo Touraine (1994), a modernidade envolve o contexto social: “todos nós estamos “embarcados” nela: muitos como tripulantes; outros como viajantes, mas todos “decolam” rumo a ela, como uma panaceia para a resolução dos problemas da humanidade, em nome de um futuro redentor”. Assim, nesse ponto de vista, a sociedade

acolhe de uma forma geral a ideia de modernidade. Hoje o novo não tem a ver com idade. Basta observarmos que pessoas de faixa etária avançada também usam as novas tecnologias para se manter atualizados, os que não seguem com essas regras são caracterizados pelos jovens como ultrapassados.

Entretanto, apesar dos grandes avanços promovidos pela ciência, houve um distanciamento entre o lado racional e subjetivo da humanidade. Touraine (1994) nos leva a refletir sobre a relação de juventude, mídia e consumo para ilustrar esse descompasso. O autor aborda o quanto os jovens são cada vez mais induzidos como consumidores em potencial, para a compra de produtos desnecessários, pelo apelo da mídia, com o objetivo da ideia de serem modernos e terem estilo. Assim, o consumo avança, pois é considerado como “incluído” o jovem possuir o celular de última geração, o computador com maior número de funções, uma TV de alta definição, dentre outras facilidades do mundo atual, aumentando a degradação do meio ambiente além de gerar graves problemas sociais como o endividamento e doenças relacionadas ao consumo excessivo, onde o ser é substituído pelo ter representando grandes valores à sociedade de consumo.

Para o autor, o jovem passa a partir daí a buscar parâmetros para a formação de sua identidade, concedendo menos importância aos valores morais. De fato, é o que podemos observar, uma vez que muitos não compreendem o valor da coletividade, da empatia ou da solidariedade vivendo um cotidiano de aparências.

Na visão de Touraine (1997) um sujeito se define e se reconhece a partir do outro, o ser-para-o-outro é uma ética atual, pois é um passo para o reconhecimento do outro não como objeto de relação, mas ao contrário, como princípio da justiça e libertação. Se para muitas pessoas as coisas “não são mais como antigamente” para os jovens o mundo presente é o real, ou seja, é o único que eles conhecem.

3.1 Fenômenos da mídia (transmissora) e juventude (receptora):

São diversas as maneiras de abordar os fenômenos das mídias. No que diz respeito às comunicações, esse termo significa todo meio de armazenar e difundir mensagens através da mediação entre emissor e receptor. A noção corrente é que a mídia em si se relaciona apenas ao jornalismo na transmissão de notícias, mas o

conceito envolve mediação de outros interesses, a exemplo do publicitário, com a disseminação de produtos em larga escala.

É impossível falar de juventude sem mencionar os aspectos das mídias que estão presentes no cotidiano, através das novas tecnologias da informação e comunicação. Cruz e Silva (2006) enfatizam a modernidade “como um constante causal de mudanças” (CRUZ E SILVA, 2006, p. 2). Tais mudanças, sem sombra de dúvidas, são permeadas por novas mídias que são criadas cotidianamente fazendo com que os jovens ganhem visibilidade na sociedade moderna, principalmente aqueles que possuem letramento digital para utilizar os artefatos tecnológicos.

Vivemos em um mundo de grande rapidez das informações que resultam em avanços tecnológicos, como a produção de diferentes equipamentos disponibilizados à sociedade. Isso permite que os jovens entendam por mídia um sinônimo de “meio de comunicação” ou ainda “entretenimento e lazer”, “conhecimento”, “informação”, dentre mais alternativas passíveis, como “divulgação de publicidade”.

Assim, a postura desses jovens perante a mídia é de usuários, sendo que alguns meios, para eles, não são vistos como produtores de informações, mas na maioria das vezes apenas como ambiente de relacionamentos, a exemplo das relações on-line.

Nas décadas de 1970 e 1980 a juventude recebeu nomenclaturas de transviados, rebeldes sem causas, alienados, dentre outros adjetivos, em razão dos seus comportamentos na contramão dos existentes e aceitáveis. Na era moderna, com o advento dessas novas mídias, passaram a ser classificados como: “Geração Coca-Cola”, “Juventude Tecnológica”, “Novos Consumidores”, dentre outras denominações que ligam esta classe ao consumismo. Isso nos leva a entender que o mundo virtual possibilita um acesso mais rápido da informação e exige menos leitura e interpretação crítica do que outros meios. Assim, esses jovens utilizamos meios de comunicação, mas ao mesmo tempo, se veem como consumidores e não como produtores de informações através das mídias, podendo ser interpretadas como fontes de alienação, quando na verdade, seu potencial de produção de conhecimento é pouco valorizado.

Como vimos, a internet e as novas tecnologias de modo complexo podem gerar uma juventude alheia ao processo de modernidade como possibilidade de “emancipação social”, o que acarreta problemas na construção das identidades juvenis. Para a

discussão desse tema, o próximo tópico apresenta considerações em torno da categoria “identidade”.

4. MÍDIA E IDENTIDADE: O QUE OS JOVENS PENSAM QUE SÃO?

A ideia, neste momento, é pensar a identidade como questão de comunicação, uma vez que tal conceito pode ser resultante da interação entre pessoas e culturas diferentes. A questão da identidade é algo que se produz através da transformação de uma mensagem, reelaborada por outras pessoas (MARTINO, 2010, p. 14). De acordo com o autor, as etapas de produção dessas mensagens pessoais são os momentos de construção da identidade que implicam a maneira como vamos decodificá-las. Assim, pessoas que usam as mídias para se autopromoverem produzem mensagens sobre si que, supostamente, “revelam quem são”, de acordo com suas palavras, seu modo de se vestir, suas maneiras de se relacionar. É assim que acontece nos reality shows em que podem ser forjados perfis quando os indivíduos tentam mostrar o que não são, gerando interpretações equivocadas de suas posturas.

Esses olhares que temos, por exemplo, de pessoas que participam deste tipo de programa e que se expõem a fim de uma autopromoção estão ligados à nossa cultura e ao conjunto de conhecimentos anteriores que temos para identificar certos indivíduos. Assim, numa situação diferente os mesmos indivíduos podem ser vistos de uma única forma. Um participante ou usuário de redes sociais pode ser visto como uma pessoa “legal” por uns, mas também como “antipática, prepotente, pedante, ríspida” por outros, uma vez que tais julgamentos dependem das leituras que realizamos do mundo influenciadas sempre pelo nosso modo particular de entender os outros.

Segundo Martino (2010) “as identidades contemporâneas passam pela mídia, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão da realidade” (MARTINO, 2010, p. 16). O autor postula que tais percepções de mundo se articulam de acordo com o universo social de cada um onde parte da identidade se constrói nos vínculos de grupo, nos quais a mídia se torna um elemento formador dos vínculos coletivos. Essas identidades construídas a partir da cultura da mídia têm como exemplo o comportamento político dos eleitores que podem ser influenciados pelos guias eleitoreiros. Fazer parte de uma tribo humana, ser gótico ou nerd, está ligado à articulação e produção das representações nas quais a mídia, em algum momento, está inserida, com suas influências e modelos de personalidade. O autor é tributário do

pensamento de Stuart Hall, para quem as identidades constituem um conceito dinâmico, uma vez que sempre está em movimento e em transformações devido às relações socioculturais. Para Hall (2004) identidade significa expressão cultural, nas quais as culturas produzem sentidos com os quais podemos nos identificar (grifo do autor) e a partir daí, construir nossas identidades. Segundo o autor, vivemos atualmente uma “crise de identidade” decorrente do processo de mudanças ocorridas na sociedade pós-moderna em que existe um declínio entre as velhas identidades, surgindo assim novas identidades, deixando o indivíduo moderno cada vez mais fragmentado, e o que existe agora são deslocamentos e ausência de referentes fixos e sólidos para as identidades.

A luz desses pensamentos, Martino (2010) defende que: “pensar a identidade a partir da comunicação significa, de um lado, pensar como são distribuídas as narrativas de identidade e, em seguida, como essas narrativas são trabalhadas nos meios de comunicação” (MARTINO 2010, p. 29). O autor argumenta que as ideias principais da identidade de alguém, de algum grupo ou de um povo passam por relações de comunicação estabelecidas interna e externamente, a partir das quais são criados e disseminados narrativas e discursos que caracterizam o reconhecimento que as pessoas fazem sobre determinados grupos através das mídias. Por exemplo, a “mídia ninja ou alternativa²” (denominação que significa: *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*) é um grupo formado em 2011, que é conhecido pelo ativismo sociopolítico e declara ser uma alternativa a imprensa tradicional, tornando-se conhecido mundialmente na transmissão dos protestos do Brasil em 2013. As Práticas desse tipo de mídia a situam como alternativa, que a medida que faz usos de novas tecnologias de comunicação para transmitir conteúdos e cenas que a considerada mídia formal não atribui interesse.

Martino (2010) esclarece que a construção identitária é “relacional” afirmando que: “a concepção de uma pessoa é um dos polos em torno do qual gira o conceito de identidade. A maneira como se entende os outros seres humanos é um elemento crucial para se definir a própria identidade, bem como a dos demais.” (MARTINO, 2010, p. 40). A Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas ONU em 1948, classifica o conceito de indivíduo como um ser livre, pleno, com direitos e deveres, o que passa a valer apenas em teoria, tendo em vista que

² Conjunto dos veículos de comunicação que se contrapõem a uma hegemonia, ou posição política dominante e, em alguns casos, repressora.

esta declaração que classifica todas as pessoas como iguais se torna equivocada levando em consideração que o conceito de identidade é mutável, dependendo do contato com a cultura e a comunicação, bem como das relações que se estabelecem entre os membros da sociedade.

Os elementos que distinguem as pessoas estão nas capacidades que cada um tem de organizar seus pensamentos e lidar com símbolos. Segundo Bourdieu (1998) “os símbolos são instrumentos por excelência da integração social” (BOURDIEU, 1998, p.10). Portanto, a sociedade enquanto conjunto de símbolos estruturados tem o poder de gerar integração humana, ou seja, tem a função de incluir o indivíduo em um determinado grupo, de modo que nesse espaço ele seja capaz de produzir e interpretar códigos identitários que o definem.

Dessa forma, as pessoas se reconhecem em relação a si mesmas, mas também na relação com os outros, considerando-se parte de um determinado grupo social ou classificando as demais como pertencentes ou não ao seu grupo, baseando-se em situações, políticas, sociais e econômicas em que vivem. Por isso, dificilmente uma determinada classe quando muito diferente se integra a outras, como exemplo, a sociedade de castas, na Índia, na qual existia a casta dos mercadores, dos camponeses, dos sacerdotes, dos governantes, sem mobilidade entre elas, costume que ainda permanece excludente nos dias atuais. Outro exemplo foram sociedades escravocratas na Antiguidade, que se fundavam no princípio de que existiam pelos menos dois tipos de indivíduos, os considerados “homens livres” e os “escravos”. No mundo, a exclusão social persiste gerando a divisão entre a classe pobre, média e rica que determina em qual delas vivemos ou transitamos, o que constrói as nossas diferenças.

Essas divisões nos levam a seguinte reflexão. De que maneira existe espaço para a construção de uma identidade quando se fala nos limites sociais criados entre global e local, gênero e etnia? Torna-se difícil responder a essa pergunta, visto que uma pessoa pertencente a um desses grupos, por exemplo, aos considerados pobres, ao mudar de classe, certamente mudará de identidade pelas pressões e regras impostas pelo grupo, atual. Logo, percebemos que a noção de identidade muda de acordo com as esferas sociais e que não é algo totalmente subjetivo.

Geralmente, a concepção de identidade é ligada ao modo como as pessoas se veem, tanto no seu país como no exterior, em oposição ao “outro”, assim as ideias de

identidade se reforçam a partir de que forma as pessoas “pensam o que são”, que modos de enxergar o mundo projetam para os outros. Para Martino (2010) a construção identitária dos agrupamentos humanos, comunidades e os indivíduos diante de uma definição ocorre a partir das igualdades e diferenças, segundo o autor:

Só é possível estabelecer relações de identidade a partir de um jogo formal entre o igual e o diferente. Os elementos iguais, responsáveis por constituir uma definição, são contrastados o tempo todo com os diferentes; isso não quer dizer que a diferença também não constitua uma definição. No entanto, é uma definição negativa, explicando o que não se é. Os agrupamentos humanos, as comunidades e mesmo os indivíduos parecem se definir em um movimento constante entre identidade e diferenças: os aspectos iguais estabelecem a identidade do conjunto nos interesses, gostos, ideias, características biológicas ou culturais presentes em todos os indivíduos- os iguais nesse aspecto. Ao contrário, quem não divide essas características, mesmo provido de outras tão boas quanto, é o diferente (MARTINO, 2010, p. 36).

Martino afirma que, cada uma das preferências das pessoas está ligada a uma categoria, que pode ser religião, esporte, política e níveis que são contraditórios internamente, mas não em relações uma com as outras, sendo uma construção identitária desses agrupamentos humanos de um jogo formal entre o igual e o diferente. Por exemplo, para um Padre ou Pastor não importa se uma pessoa é vascaína ou flamenguista, pois o nível religioso defende que todos sejam tratados com igualdade.

Ao conviver com diferentes ambientes culturais as pessoas podem mudar alguns aspectos de identidade. Com o passar do tempo uma pessoa passa a ser diferente de como era anos atrás, como ao mesmo tempo algumas de suas características podem se manter as mesmas. Para o autor, a identidade, assim, passa a ser transformada como uma estrutura dinâmica, relacionando-se dialeticamente com o cotidiano no sentido paradoxal de se mantê-la em plena transformação. Não somos os mesmos de antes, porque as experiências cotidianas nos fazem mudar de opiniões, postura e pensamentos.

Em se tratando das mídias de relacionamento na internet, entre elas: Google Groups, MySpace, hasbanni.com, YouTube, Twittere diversos aplicativos, há transição constante nos perfis dos usuários. No que diz respeito à rede aqui estudada, o facebook, pode proporcionar uma grande mudança no construir e administrar a própria identidade, através do momento em que cada pessoa expressa suas características pessoais on-line. Entretanto, tais perfis na maioria das vezes correspondem à verdadeira identidade de seus grupos ou indivíduos.

Na era digital, a identidade pode ser descrita pelas pessoas com quais nos associamos de maneira que são visíveis para os espectadores em qualquer momento. Nesse sentido, o facebook torna terreno extremamente fértil para isso pelo fato das pessoas estarem a todo o momento emitindo opiniões sobre determinados assuntos. Do mesmo modo, essas pessoas mudam rapidamente aspectos de sua identidade pública, o que as impede de controlar como ela é percebida pelos outros.

Assim, um jovem de 16 anos pode criar uma nova identidade no ambiente on-line do facebook em que as pessoas não sabem quem ele é. Isso é possível pelo menos durante algum tempo, antes que seu perfil seja descoberto por outras pessoas que já o conheciam pessoalmente. Levando em consideração esta afirmativa, alguém pode criar um perfil falso que não condiz com a vida real, assumindo múltiplas identidades como fazem os pedófilos virtuais e demais criminosos, que escondem se escondem nas malhas da rede para a prática de atividades ou hábitos perversos.

O garoto de 16 anos pode mudar constantemente sua identidade no facebook atualizando com frequência sua idade, status de relacionamento, trocando sua fotografia, ou até mesmo excluindo amigos e alterando outras informações. Os jovens da era digital podem experimentar diferentes identidades, o que pode ocasionar vários riscos, como já mencionamos neste estudo. Grande parte dos conteúdos que compreendem a identidade desses jovens é a informação que eles colocam para o mundo, sua apresentação pessoal, segunda a imagem que constroem de si mesmo.

Mas o que leva esses jovens a tornarem públicas certas informações para o público digital? Por que eles compartilham aspectos sobre eles mesmos no espaço on-line? Quais as motivações que originam esse tipo de exposição?

Este é um dilema que não pode ser respondido simples ou facilmente, e que envolve várias disciplinas acadêmicas: da psicologia e da sociologia, da biologia evolucionária e até mesmo da economia. Muitos pesquisadores destas áreas e de outros campos estão tentando entender o fato de se querer revelar grandes quantidades de dados pessoais, desde números de telefones celulares até a postagem de fotos de férias.

Segundo John Palfrey (2011), no que diz respeito aos estudos psicológicos os psicólogos desenvolveu o chamado o “modelo decisório de revelação”. (PALFREY, 2011, p. 33). A suposição do estudo é que as pessoas decidem sobre o que, como e a

quem vão revelar informações pessoais. Tal prática vai depender das possíveis compensações e riscos que as informações devem ocasionar. De acordo com este modelo as revelações das informações pessoais, lembrando o jovem de 16 anos, em que pode revelar onde mora, colocar em evidência seus hobbies, ou compartilhar informações sobre seus gostos, pode ser atingir alguns objetivos, que podem ser aprovação social, desejo de intimidade, necessidade de convívio em relação à solidão, entre outras razões.

Para alguém de 16 anos, os riscos relacionados a grande quantidade de informações sobre sua identidade pessoal incluem o fato desses dados estarem disponíveis para os outros por um longo período de tempo e em contextos diferentes. Quando se posta assuntos referentes à vida financeira, há um grave risco de ter sua identidade roubada para que se possam cometer fraudes em decorrência dos benefícios que isso pode causar. E, além disso, pode despertar a cobiça de pessoas mal-intencionadas que passam a planejar crimes financeiros em razão do contexto de luxo mostrado na rede.

Nestas situações, a vida social passa a ter ideia de reciprocidade, onde para muitos o mundo virtual on-line passa a ser um componente fundamental, que complementa e estende a esfera social off-line. Cria-se, assim, uma série de normas sobre os compartilhamentos dessas informações uns dos outros. A expectativa é que deve haver reciprocidade entre os assuntos postados, ou seja, quando algum usuário compartilha informações ou curte comentários de um jovem espera-se que o mesmo seja feito pela outra parte. Tais dinâmicas podem ser percebidas facilmente pelas redes sociais em que o ato de “fazer novas amizades” representa um potencial para futuros compartilhamentos, embora não se possam controlar os impactos dessas relações.

O entretenimento é outra forma de ganhar notoriedade, quando muitos adotam comportamentos que comprometem significativamente suas identidades como filmar e postar vídeos no facebook em cenas consideradas cômicas. Exemplos são os famosos vídeos de harlemshake (hit da Internet ou um meme que obteve enorme sucesso) onde pessoas aparecem fantasiadas e dançando de uma forma inusitada, que rapidamente alcançam forma e repercussão.

Os jovens que revelam informações de si on-line podem, fazer isso também com o objetivo de construir uma relação de autoconfiança. Quando algum usuário envia um

convite para o e-mail de uma pessoa, sugerindo um novo amigo em sua lista no facebook, o jovem pode checar quantos amigos ambos temem comum e a partir daí aceitar ou não o convite. Se tiver vários amigos, existe uma maior probabilidade de se integrar esse grupo.

Ao construir amizades on-line os jovens estão dando um voto de confiança a outra pessoa permitindo que ela tenha acesso às suas informações. Como os usuários estão ligados agora um ao outro, suas identidades se misturam e estão associadas através da exibição pública. Nesse tempo de exposição desenfreada, a identidade também se converte num produto de marketing pessoal, contribuindo para a globalização da comunicação e as mudanças culturais.

Uma das formas de confirmar as teorias, fatos apresentados e hipóteses que abordamos no decorrer desta monografia foi através do Grupo Focal. De acordo com Costa(2011) sua origem é atribuída às ciências sociais, em 1941, por meio de Paul Lazarsfel e Robert Merton (Merton é considerado o pai do Grupo Focal); em 1950, desperta o interesse da área de marketing (COSTA, 2011, p. 181).

Os Grupos Focais se configuram em um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos de um grupo em particular, selecionado intencionalmente de acordo com os objetivos do estudo, através de uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. Para avaliar a exposição íntima na rede social facebook do público jovem, realizamos o procedimento do Grupo Focal com usuários dessa rede, alunos do ensino médio de uma escola particular da cidade de Campina Grande-PB que poderá ser conferida no próximo tópico.

5. ANÁLISE DO GRUPO FOCAL:

Através da aplicabilidade do grupo focal foi possível ter um conjunto de percepções que ultrapassaram a relação de perguntas e respostas de um para um, permitindo acompanhar um pouco da fluidez do dia-a-dia dos participantes relacionado ao estudo em questão.

Para Costa (2011) na identificação de problemas, buscam apresentar o objetivo da pesquisa, os pesquisadores estão interessados em explorar e descobrir, o que faz com que as discussões sejam relativa e necessariamente desestruturadas (COSTA, 2011, p.

181). Nesse sentido, podemos dividir a sua aplicabilidade da seguinte forma: planejamento, implementação, e avaliação.

Na etapa de planejamento, a intenção de saber como atingir os objetivos determinados anteriormente fato, esse que já foi cumprido, na implementação, o objetivo é ajustar os planos originais para que tudo ocorra bem, conforme foi feito na aplicabilidade da pesquisa, já a fase de avaliação que é esta vamos procurar entender o que aconteceu com o projeto procurando aprender lições para o futuro.

O nosso Grupo Focal foi realizado no dia 10 de julho com seis amigos concluintes do ensino médio do Colégio Alfredo Dantas (CAD), localizado no centro da cidade de Campina Grande PB (Imagens disponíveis em anexos). Os participantes permitiram que todas as imagens e anotações fossem disponibilizadas. A equipe foi composta por Beatriz Tavares, Maria Aylla, Grazyelle Silva, AdellynaEvillyn, David Alves e Edilane Oliveira.

Realizamos os procedimentos em uma sala cedida pela direção da escola. Antes de iniciarmos a aplicabilidade do Grupo Focal fizemos a elaboração do roteiro de entrevista para conduzi-la de acordo com o assunto abordado. (Ver apêndice).

Os entrevistados estavam todos descontraídos, pois pertenciam a um grupo com características semelhantes. Um dos fatos mais surpreendentes durante a conversa foi a questão de tudo o que foi abordado neste estudo se confirmar pelas próprias palavras dos membros. Todos afirmaram que usam a rede social facebook e ficam on-line 24 horas por dia.

O interessante é que a maioria informou que mesmo durante o sono, muitas vezes acordam no meio da noite com o barulho de novas mensagens que chegam através de seus dispositivos móveis e vão responder o que foi solicitado naquele momento, chegando ao ponto de ficar o resto da noite on-line.

Para Hannah Arendt (2000) “Em nossa sociedade alimentamos todos os dias a necessidade de sermos vistos no espaço público (da mídia), já que isso nos garantiria uma espécie de realidade” (ARENDR, 2000, apud, FISCHER, 2005, p. 47). Essas palavras só reforçam o que foi dito durante a pesquisa.

Uma das perguntas feitas era se alguém tinha conhecimento de casos de exposição indevida, o participante David Alves disse que uma amiga sua foi vítima de uma exposição, em que teve suas fotos simulando uma montagem na qual aparecia completamente nua. O relato foi confirmado pelos outros membros já que se tratava de uma conhecida de todos. De acordo com os depoimentos, a vítima ficou bastante abalada e não queria mais frequentar a escola. O que amenizou a situação foi o fato de alguns usuários dessa rede ter mandado fotos originais da vítima, comparando com a montagem, o que fez com que todos soubessem que se tratava de algo inverídico. Entretanto, a vítima ainda ficou constrangida com a repercussão do fato.

Situações dessa natureza, de acordo com o grupo, são normais e todos os anos aparecem casos na escola, sendo que alguns chegam ao conhecimento da diretoria. Outro relato foi feito pela aluna Beatriz Tavares, que mencionou um caso de uma jovem que enviou uma foto nua para o próprio pai por engano, mas na verdade a imagem seria destinada a outra pessoa.

Uma das integrantes, Edilane Oliveira, disse ter conhecimento de uma amiga que mandou uma foto nua para o namorado e quando acabou o relacionamento, ele espalhou as imagens nas redes sociais por vingança, o que confirma a tese de Rifkin que fala sobre a sociedade tecnológica. Segundo Rifkin (2001) “a sociedade tecnológica é marcada por imagens em detrimento das palavras” (RIFKIN, 2001, p.255).

De todos os relatos, um dos comentários que mais impressionou foi quando o grupo narrou um caso ocorrido na cidade de Campina Grande-PB, em que uma funcionária de uma determinada empresa teve um vídeo exposto com cenas em que fazia sexo com dois homens, sendo que a vítima era casada.

Eles contaram que as imagens vazaram no local onde ela trabalhava, e após esse fato a funcionária teve que se afastar pelo seu estado psicológico. Segundo os entrevistados, todos no trabalho passaram a vê-la de forma preconceituosa o que levou a vítima a afirmar que da próxima vez ela mesma faria um vídeo, desta vez não fazendo sexo com dois homens, mas sim com quatro. Essa opinião fez com que a direção da empresa afastasse a funcionária.

O grupo também destacou que tem conhecimento de colegas de sala que ficam o tempo todo usando as redes sociais nos momentos das aulas e muitas vezes alguns

professores tomam a atitude de repreender esta ação, chegando até a encaminhar os aparelhos para a diretoria. Contudo não adianta, pois no outro dia o fato passa a ser repetido. Informaram alguns professores não permitem a utilização da internet na sala de aula enquanto outros permitem.

Nenhum dos integrantes disse não ter conhecimento de exposições íntimas. Maria Aylla lembrou ter uma amiga que cotidianamente posta fotos de calcinha e sutiã. Perguntados sobre o que leva esses conhecidos a ter essas atitudes, os jovens responderam que é pelo fato de ter um grande número de curtidas e seguidores nas redes sociais. “É como se fosse uma autoestima para o ego”, responderam. “Alguns dos nossos colegas postam tudo relacionado à sua vida, até mesmo quando vão ao banheiro”. “Algumas pessoas postam e agem por hábito”. “Tenho uma prima de 13 anos de idade que posta fotos de suas próprias pernas com a seguinte legenda; “perninhas”. “Conheço pessoas bem próximas que quase todos os dias postam fotos em um novo relacionamento ou mudam o seu status”. “Conheço amigos(as) que postam fotos com artistas para alcançar um grande número de curtidas e comentários”. Esses foram outros casos relatados pelo grupo de jovens que participaram dessa pesquisa.

Outro aspecto que chamou atenção foi no momento que eles disseram que acham melhor falar certas verdades sobre determinadas pessoas pelo facebook do que pessoalmente, o que confirma as relações líquidas atuais discutidas por Bauman (2014).

A quantidade de “amigos” que esses jovens têm na rede também chamou bastante atenção. Muitos disseram ter acima de dois mil, mas que pessoalmente não conhecem a metade deles. Muitos são adicionados por indicação de conhecidos ou porque são próximos de alguns de seus contatos. Afirmaram não ver nenhum tipo de vantagem em ter ou não um grande número de seguidores. Mas, outros ressaltaram que uma das vantagens disso é manter contato com pessoas de outras cidades e países e ganhar um grande número de curtidas nas suas postagens, o que pode ser entendido como “popularidade”.

As opiniões sobre o uso do facebook foram diversas. Alguns contaram que utilizam a rede para postar fotos, outros para conversar com os conhecidos e fazer trabalhos escolares, conhecer pessoas interessantes, ou ainda como forma de passatempo e diversão. Os integrantes da pesquisa responderam que não imaginam a vida sem rede social, mas ao mesmo tempo, disseram que talvez fosse melhor não

existir porque iria aproximar mais as pessoas. Para Lévy (1999) “As relações “virtuais” não substituem pura e simplesmente os encontros físicos” (LÉVY, 1999, p. 129).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede social facebook permite que os usuários sejam inseridos em um espaço que proporciona uma imensa possibilidade de visibilidade, onde assuntos pessoais da vida desses internautas podem ser acompanhados por milhares de pessoas do mundo inteiro.

Através da observação de fatos divulgados na mídia sobre o assunto foi possível verificar que os casos existem frequentemente e que se tornou algo corriqueiro, vitimando usuários que tem suas vidas expostas na rede de relacionamento muitas vezes causando danos irreversíveis, tanto físicos como psicológicos.

Podemos afirmar que essa exposição indevida na rede já se tornou um caso de saúde pública tendo em vista as implicações que atitudes como estas causam, chegando ao ponto de levar algumas pessoas a cometerem suicídio diante da dimensão do problema.

Ainda que a rede social aqui estudada muitas vezes seja utilizada para fazer pesquisas, se manter informado, não perder o contato com pessoas distantes, entre outros pontos positivos, não há como negar os aspectos negativos que ela proporciona à sociedade. Usadas de forma incorreta e com outras finalidades pode conduzir pessoas a atitudes de violência, cyberbullying, discriminação e xenofobismo. Desse modo, trata-se de uma abordagem necessária não apenas ao âmbito da comunicação, mas às demais áreas do conhecimento.

Com relação aos conceitos discutidos as contribuições de autores como: Manuel Castells (1999), Lévy (1999), Zygmunt Bauman (2009), Martino (2010) e outros autores que ajudaram a desenvolver a problemática sobre o assunto, no sentido de compreender as intencionalidades dessas exposições na rede social facebook.

O estudo sobre os jovens e o ciberespaço permitiu que os objetivos traçados fossem alcançados com êxito, através de levantamentos não só de cunho teórico, sobretudo com a adoção do método do Grupo Focal, que permitiu dialogar com alguns

jovens que usam a rede de relacionamento facebook como forma de exposição de sua vida íntima, ajudando-nos a compreender esse tipo de comportamento.

A pesquisa também abordou os impactos da tecnologia, de modo a contribuir para ampliar a compreensão dos jovens acerca dos riscos que correm com a superexposição de sua vida pessoal nas redes sociais.

O estudo apontou que órgãos de fiscalização como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e o governo de forma geral precisam ter conhecimento da situação para adotar atitudes de informação, a exemplo de uma orientação escolar adequada conscientizando os pais, professores, diretores escolares, funcionários, alunos e a sociedade civil que este tema merece atenção e deve debatido em todas as instâncias públicas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRETO Júnior, Irineu. **Atualidade do Conceito de Sociedade da Informação para a Pesquisa Jurídica**. In: PAESANI, Liliana Minardi (Coord.). O direito na sociedade da informação. São Paulo: Atlas, 2007.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Ática S.A.- 2ª. ed. 2011, p. 180-192.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Antony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991, p. 11-60.

GUEDES, Anabela Fernandes; ESCOLA, Joaquim José Jacinto. A privacidade na sociedade da informação e do conhecimento. In: ESCOLA, J. J. J; RIVAS, M. R.; FIGUEIRA, M. E. M.; AIRES, A. P. F. (Coord.) **Desafios éticos na sociedade tecnológica: respostas às necessidades educativas especiais e educação os média**. Portugal: Andavira Editora, 2013, p. 45-62.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ed.34, 1999.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Comunicação e Identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

PALFREY, John. **Nascido Na Era Digital: Entendendo a Primeira Geração dos Nativos Digitais**. São Paulo: Editora Artmed. 2011. p. 33.

SIMÕES, Pedro Luís Ribeiro; ESCOLA, Joaquim José Jacinto; RIVAS, Manuela Raposo. Cyberbullying e as TIC. As sombras e a luz na construção democrática do espaço mediático. In: ESCOLA, J. J. J; RIVAS, M. R.; FIGUEIRA, M. E.M.; AIRES, A. P. F. (Coord.) **Desafios éticos na sociedade tecnológica: respostas às necessidades educativas especiais e educação para os média**. Portugal: Andavira Editora, 2013, p. 63-78.

TOURAINÉ, Alain. **O sujeito**. In: Crítica da modernidade. Petrópolis RJ: Vozes, 1994. p. 213-268.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ÂMBITO JURIDICO. **O perigo dos perfis falsos em redes sociais.** Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7968> Acesso em: 30 abr. 2014

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em: <http://observatorio03.files.wordpress.com/2010/02/bauman_zygmunt_-_comunidade1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014

BORGES, Graziela Scopel; DENARDI, Elisa. **Juventude e Modernidade: suas relações com a mídia.** In: VI Conferencia Brasileira de mídia cidadã. Pato Branco, Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/JUVENTUDE%20E%20MODERNIDADE%20SUAS%20RELA%20COM%20A%20M%20C%208DDIA.pdf>>. Acesso em: 14 Maio. 2014

CANACTECH. **Vício no Facebook Está Relacionando ao Desejo de Construir Reputação.** Disponível em: <<http://canaltech.com.br/noticia/facebook/Vicio-no-Facebook-esta-relacionado-ao-desejo-de-construir-reputacao-diz-estudo/>> acesso em: 08 jan. 2014.

CARREIRA E SUCESSO: **A Ética nas Redes Sociais.** Disponível em: <<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/edilson-menezes/a-etica-nas-redes-sociais>> acesso em: 24 jan. 2014.

CARTA CAPITAL. **"Me senti impotente e com nojo", diz estudante que teve fotos íntimas vazadas.** Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/me-senti-impotente-e-com-nojo-diz-estudante-que-teve-fotos-intimas-vazadas-3974.html>> Acesso em: 06 abr. 2014.

CIVILIZAÇÃO ANTIGA. **A Invenção da Escrita.** Disponível em: <<http://www.civilizacaoantiga.com/2009/05/invencao-da-escrita.html>> acesso em: 12 jan. 2014.

CRUZ, José Vieira da. SILVA, José Maria de Oliveira da. **Juventude e Modernidade: Conceitos, Representações e Debates.** (II Encontro de Pós-Graduação da UFS, 2006). Disponível em <http://hpopnet.sites.uol.com.br/juventude_modernidade.pdf>. Acesso em: 08 Maio. 2014

ESTÚDIO ATLÂNTIDA. **Annita tem Celular Roubado e Fotos da Cantora Vazam Nua na Internet # soquenao.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/estudioatlantida/2013/10/31/anitta-tem-celular-roubado-e-fotos-da-cantora-nua-vazam-na-internet-soquenao/?topo=52,1,1,,224,e224>> acesso em: 08 jan. 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e Juventude: Experiências do Público e do Privado na Cultura.** Cad Cedes., Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a04v2565.pdf>> acesso em: 08 jan. 2014.

G1GLOBO/FANTÁSTICO. **Alerta: Prática de Filmar Relações Sexuais Está Cada Vez Mais Comum.** Disponível em:

<<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/alerta-pratica-de-filmar-relacoes-sexuais-esta-cada-vez-mais-comum/2961289/>> acesso em: 01 abr. 2014.

G1 POP E ARTE. Carolina Dieckmann Fala pela 1º Vez Sobre as Fotos e Diz que Espera Justiça. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/05/carolina-dieckmann-fala-pela-1-vez-sobre-roubo-de-fotos-intimas.html>> acesso em: 06 jan. 2014.

ISTOÉINDEPENDENTE. ZygmuntBauman: “Vivemos tempos líquidos. Nada é paradurar”. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR> Acesso em: 30 abr. 2014

JOVENS NA ATUALIDADE. Vício na Internet. Disponível em: <<http://jovensmf.blogspot.com.br/>> acesso em: 18 jan. 2014.

JURISWAY. Crimes Virtuais: Um novo mundo de criminalidades reais. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=785> Acesso em: 30 abr. 2014

MELLO, Jaciara Novaes; RIBEIRO; Núbia Franciene. **Cibercultura e Redes sociais-Twitter como Interação.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mello-jaciara-ribeiro-francine-cibercultura-e-redes-sociais.pdf>> Acesso em: 12 abr.2014.

OBVIOUS. 3 Minutos com Bauman: As Amizades de Facebook. Disponível em: <<http://lounge.obviousmag.org/canteiro/2013/10/3-minutos-com-bauman-as-amizades-de-facebook.html>> acesso em: 12 jan. 2014.

OYAMA, Daniel Dantas. **Educação e Cibercultura: Pontos positivos e negativos.** Monografia (Tecnólogo em Processamento de Dados) Faculdade de Tecnologia de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www.fatecsp.br/dti/tcc/tcc0020.pdf>> Acesso em: 12 abr.2014.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Artmed, 2011. Disponível em: <<http://dependenciadeinternet.com.br/palfreycap01.pdf>> Acesso em: 12 Maio. 2014.

PRAGMATISMO. Jovem se Suicida Após Vídeo Vazar em WhatsApp. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/11/jovem-se-suicida-apos-video-intimo-vazar-whatsapp.html>> Acesso em: 04 abr. 2014.

SIMÕES, Vinicius. Anthony Giddens e as conseqüências da modernidade. **Revista espaço acadêmico.** nº 38, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/038/38csimoes.htm>>. Acesso em: 10 Maio. 2014.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

VILA MULHER. Fim do Caso: Carolina Dieckmann Elogia Agilidade da Policia. Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/famosos/mundo-da-fama/fim-do-caso-carolina-dieckmann-elogia-agilidade-da-policia-6-1-80-1646.html>> acesso em: 04 Jan. 2014.

WEBQUESTBRASIL. O ECA e suas principais funções. Disponível em: <http://www.webquestbrasil.org/criador2/webquest/soporte_tabbed_w.php?id_actividad=18338&id_pagina=1> acesso em: 08 jan. 2014.

WIKIPÉDIA. **História do Livro.** Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_livro> acesso em: 14 jan. 2014.

WIKIPÉDIA. **Johannes Gutenberg.** Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Gutenberg> acesso em 16 jan. 2014.

WIKIPÉDIA. **MídiaNinja.** Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADia_Ninja> acesso em: 06 Maio. 2014.

8. APÊNDICES:

Universidade Estadual da Paraíba

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Departamento de Comunicação Social

Orientando: Samy Araújo de Moraes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento

Roteiro de Entrevista do Grupo Focal

1. As questões que se seguem constituem um instrumento de coleta de informações para a fundamentação de um Grupo Focal, referente à pesquisa monográfica intitulada: A exposição dos jovens no ciberespaço.

Solicitamos a sua valiosa colaboração para o estudo.

Nome: _____ Idade: _____

Roteiro de Discussão

1. Em média, quantas horas você utiliza a rede social facebook, por dia, para se relacionar com os usuários e quais tipos de conteúdos você posta?
2. Você já teve conhecimento de fotos íntimas ou até mesmo, vídeos de colegas ao foram divulgadas na rede?
3. Seus pais ou algum familiar seu tem conhecimento do que você posta nessa rede?
4. Você já sofreu ou conhece alguém que foi vítima de violência no facebook, como discriminação, cyberbullyng, piadas de mau gosto ou mesmo comentário denegrindo a imagem de alguém?
5. O que você considera como fator positivo e negativo desta rede?
6. Você já foi vítima de alguma exposição indevida sobre assuntos de sua vida?

Roteiro de Aplicabilidade

1. Geralmente a quais comunidades virtuais você costuma acompanhar e por quê?
2. Quantos amigos você possui na sua rede social e qual a vantagem de ter um grande número de seguidores?
3. Você conhece alguém que teve suas fotos roubadas e foi ameaçada, se sim, conte um pouco?
4. Geralmente você utiliza o facebook com que finalidade?

2. Registros fotográficos do Grupo Focal:



Foto 01: Disposição das cadeiras na sala postas de forma circular para proporcionar melhor visualização e interação com entre os entrevistados e o moderador.

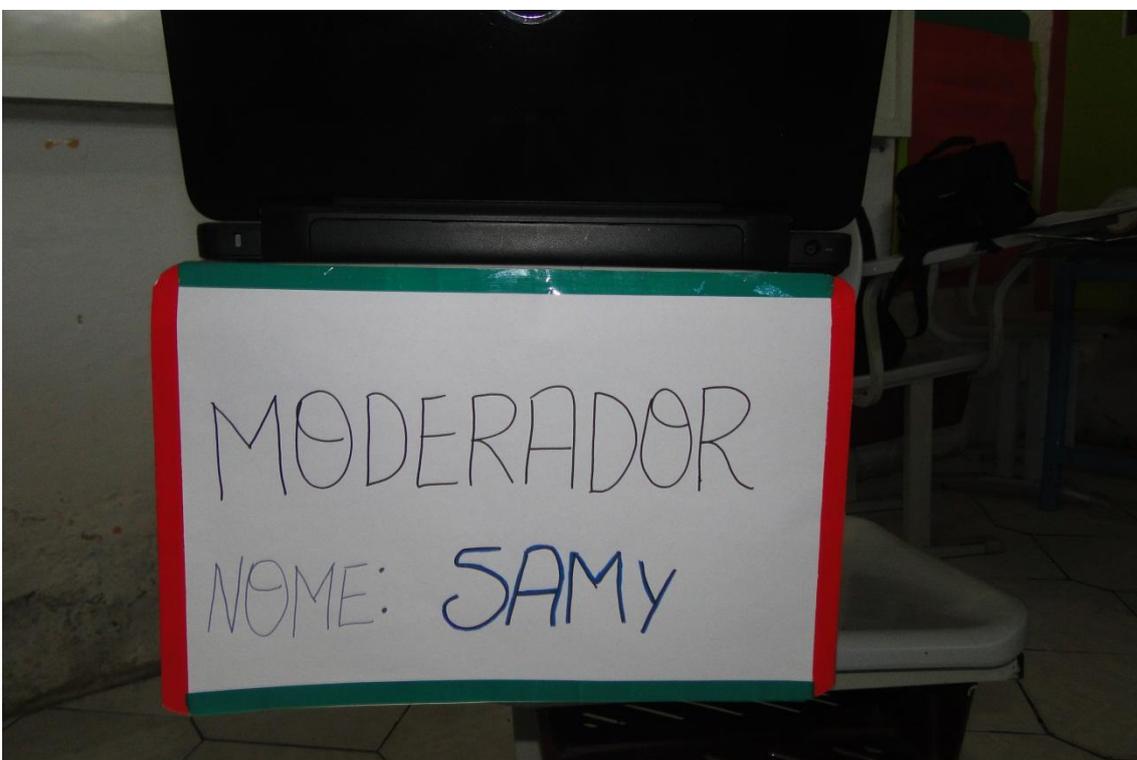


Foto 02: Na cadeira do Moderador tinha seu nome e sua função na entrevista para facilitar a comunicação com os entrevistados.



Foto 03:Planejando a organização da sala para a aplicação do Grupo Focal, anexando a numeração dos entrevistados e seus respectivos nomes.



Foto 04:Instantes antes da formação do grupo. Revisão do roteiro de entrevista que foi aplicado.



Foto 05: Moderador do Grupo Focal em pé e 6 usuários da rede socialfacebook, reunidos para o debate a cerca da exposição da vida íntima no facebook.



Foto 06: Os jovens que participaram da aplicação do Grupo Focal compreendem a faixa etária entre 17 e 22 anos de idade.



Foto 07:Aplicação do Grupo Focal com alunos do ensino médio do Colégio Alfredo Dantas (CAD), realizado no dia 10 de junho de 2014 no colégio, Santa Mônica.



Foto 08:Antes do início da aplicação do Grupo focal, os entrevistados em suas cadeiras devidamente identificados por números e seus nomes.

9. ANEXOS:

Imagens de celebridades e vítimas de exposição nas redes sociais

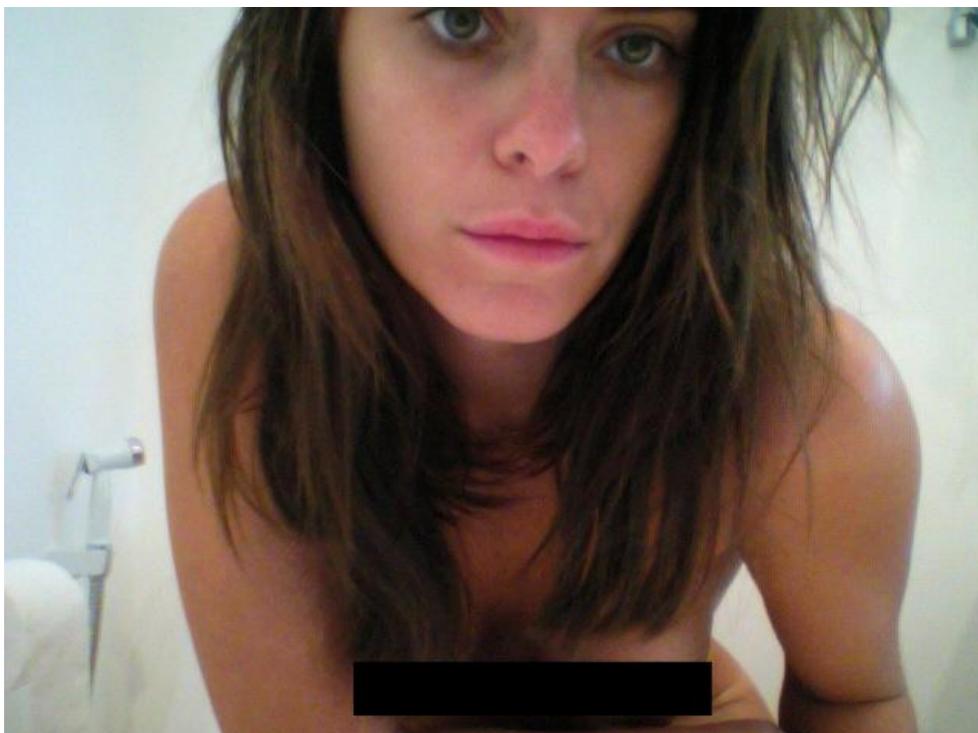


Foto 01: Carolina Dieckmam tem suas fotos expostas na rede social facebook após vazamento das imagens.



Foto 02: Fotos de Carolina Dieckmam nua vazam na internet. Imagens: Portal Fama Osfera.



Foto 03: Exposição indevida da cantora Anitta nas redes sociais. Imagem: Portal Estúdio Atlântida.



Foto 04: Anitta tem celular roubado e fotos da cantora nua vazam na internet. Imagem: Portal Estúdio Atlântida.



Foto 05: Jovem tem sua vida íntima exposta na rede social facebook e se mata após o fato ocorrido. Imagem portal: meionorte.com

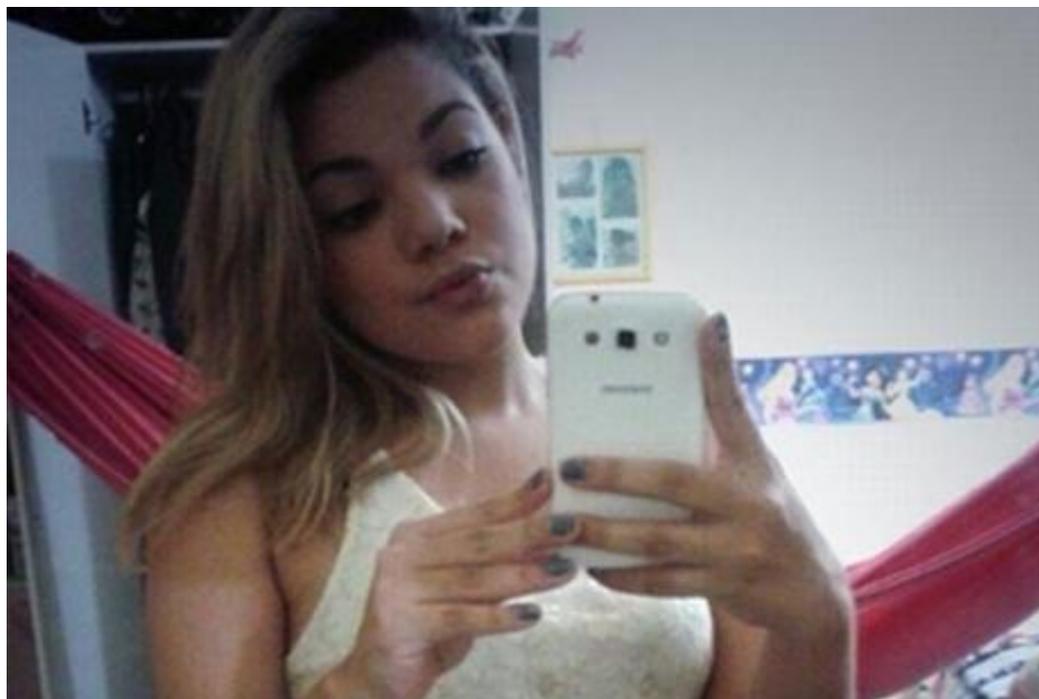


Foto 06: Caso Júlia Rebeca: frases em redes sociais são características de rebeldia, diz psicóloga. Imagem portal: meionorte.com